



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

THIAGO CINTI BASSONI SANTANA

**IMPrensa DE FRONTEIRA
A IMPrensa CHAPECOENSE NA DÉCADA DE 1950**

**CHAPECÓ-SC
2024**

THIAGO CINTI BASSONI SANTANA

IMPrensa DE FRONTEIRA
A IMPrensa CHAPECOENSE NA DÉCADA DE 1950

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó, como requisito para qualificação, sob a orientação do Prof. Dr. Gerson Fraga.

CHAPECÓ-SC

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Santana, Thiago Cinti Bassoni
IMPrensa DE FRONTEIRA: A IMPrensa CHAPECOENSE NA
DÉCADA DE 1950 / Thiago Cinti Bassoni Santana. -- 2024.
87 f.

Orientador: DOUTOR Gerson Wasen Fraga

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História,
Chapecó, SC, 2024.

1. HISTÓRIA DA IMPrensa BRASILEIRA. 2. HISTÓRIA DE
SANTA CATARINA. 3. HISTÓRIA DA FRONTEIRA SUL. 4.
HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA. I. Fraga, Gerson Wasen,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - CHAPECÓ

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 14/2024 - PPGH - CH (10.41.13.10.04)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Chapecó-SC, 09 de julho de 2024.

Ata de Defesa de Dissertação

Defesa de Dissertação do discente **Thiago Cinti Bassoni Santana** do Programa de Pós-Graduação em História.

Ao primeiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezoito horas, reuniu-se, para defesa da dissertação apresentada por **Thiago Cinti Bassoni Santana**, intitulada: **Imprensa de Fronteira: a imprensa chapecoense na década de 1950**, a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as):

Dr. Gérson Wasen Fraga (orientador/presidente),
Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti (UFFS),
Prof. Dr. Leonardo Fetter da Silva (UFJF).

O Presidente deu por aberta a sessão e logo a seguir passou a palavra ao mestrando, para que em até trinta minutos expusesse seu trabalho. Terminada a exposição, passou-se à arguição da Banca Examinadora.

A seguir, a sessão foi suspensa e os examinadores decidiram por (X) aprovar () reprovar o trabalho, atribuindo-lhe a seguinte nota final*: 9,0.

Observações:

A Banca orienta que no prazo de 30 dias seja entregue a versão final do trabalho de dissertação à Secretaria Acadêmica. Nestes termos, esta ata segue assinada pelo Presidente da Banca Examinadora e pelo Coordenador do Programa.

*Tabela de equivalência notas/conceitos: A: 9,0 a 10 B: 8,0 a 8,9 C: 7,0 a 7,9 R: inferior a 7,0

(Assinado digitalmente em 01/08/2024 22:05)

ANTONIO MARCOS MYSKIW

COORDENADOR DE CURSO

PPGH - CH (10.41.13.10.04)

Matrícula: ###696#7

(Assinado digitalmente em 01/08/2024 19:41)

GERSON WASEN FRAGA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ACAD - ER (10.44.05)

Matrícula: ###506#8

Visualize o documento original em <https://sipac.uffs.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **14**, ano: **2024**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **09/07/2024** e o código de verificação: **116ad3e694**

Dedico este trabalho aos meus pais, minha companheira e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização.

AGRADECIMENTOS

A vida de uma pessoa é permeada por inúmeros caminhos possíveis ao longo do tempo. Dedicar-se à pesquisa e à escrita faz parte dessas trajetórias de vida. Além dessa consideração abstrata, existe uma dimensão concreta na atividade acadêmica, como a presente. A materialização das relações que desenvolvemos durante esse período de dedicação acadêmica é construída por meio de leituras, rotinas e, principalmente, interações com outras pessoas.

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão a alguém que já não está mais entre nós, mas cuja presença ainda perdura em minha vida: minha mãe, que sempre me apoiou em todos os aspectos da vida. Também sou grato ao meu pai, que sempre me aconselhou e me fez refletir sobre diversas questões e experiências.

Ademais, expresso minha gratidão à minha companheira Jéssica por sempre ouvir atentamente e acompanhar, de certa forma, cada passo que dei nesta jornada. Também agradeço ao meu orientador por me guiar pacientemente ao longo deste caminho.

Por fim, expresso minha gratidão a todos os amigos e colegas que, de diversas formas, contribuíram consciente e inconscientemente para o desenvolvimento deste trabalho.

A ardência do sol queimava-me as faces e senti o suor amontoar-se nas minhas sobrancelhas [...] doía-me a testa, sobretudo a testa, e tôdas as suas veias batiam ao mesmo tempo debaixo da pele. Por causa desta queimadura que já não podia suportar mais, fiz um movimento para a frente [...] Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz (CAMUS, 1972, p. 78-80).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo a análise de um determinado espectro de transformações ocorridas na imprensa da região de Chapecó na década de 1950. Os objetos a serem analisados englobam o discurso de independência editorial em relação a afiliações partidárias no jornalismo, a introdução de avanços nas práticas de redação, edição e distribuição, bem como o notório crescimento da cultura publicitária nos jornais impressos. Os principais jornais chapecoenses analisados são: *Jornal d'Oeste* (1948-1954), *O Imparcial* (1951-1959) e *A Voz de Chapecó* (1939-1953). A abordagem metodológica adotada se fundamenta em um estudo comparativo das práticas jornalísticas antes e depois desse período, além da revisão crítica da literatura já consolidada sobre o tema. Adicionalmente, busca-se a integração da história da cultura escrita na região oeste de Santa Catarina nesse quadro comparativo, com o propósito de evidenciar as convergências e divergências nas práticas jornalísticas. Esse esforço visa melhor incorporar o escopo historiográfico, estabelecendo conexões entre a História da Fronteira Sul, a História da Imprensa Brasileira e a História de Santa Catarina.

Palavras-chave: História da Imprensa Brasileira; História de Santa Catarina; História da Fronteira Sul; História da Cultura Escrita.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo el análisis de un determinado espectro de transformaciones ocurridas en la prensa de la región de Chapecó en la década de 1950. Los objetos a ser analizados engloban el discurso de independencia editorial en relación con afiliaciones partidarias en el periodismo, la introducción de avances en las prácticas de redacción, edición y distribución, así como el notable crecimiento de la cultura publicitaria en los periódicos impresos. El enfoque metodológico adoptado se fundamenta en un estudio comparativo de las prácticas periodísticas antes y después de este período, además de la revisión crítica de la literatura ya consolidada sobre el tema. Adicionalmente, se busca la integración de la historia de la cultura escrita en la región oeste de Santa Catarina en este cuadro comparativo, con el propósito de evidenciar las convergencias y divergencias en las prácticas periodísticas. Este esfuerzo tiene como objetivo mejor incorporar el alcance historiográfico, estableciendo conexiones entre la Historia de la Frontera Sur, la Historia de la Prensa Brasileña y la Historia de Santa Catarina.

Palabras clave: Historia de la Prensa Brasileña; Historia de Santa Catarina; Historia de la Frontera Sur; Historia de la Cultura Escrita.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figura 1: Publicidade da empresa colonizadora Ernesto Francisco Bertaso.....</u>	<u>12</u>
<u>Figura 2: Artigo "Acima de Paixões".....</u>	<u>16</u>
<u>Figura 3: Trecho do artigo "Comunismo e Integralismo".....</u>	<u>17</u>
<u>Figura 4: Trecho do Diário de Pernambuco acerca da liberdade de imprensa.....</u>	<u>24</u>
<u>Figura 5: Poema "Saudades", seção "Das SOMBRAS", Jornal do Povo.....</u>	<u>33</u>
<u>Figura 6: Trecho do artigo "Azar deles", de Roberto Machado.....</u>	<u>34</u>
<u>Figura 7: Publicidade no "O Estado" de 1945.....</u>	<u>57</u>
<u>Figura 8: Publicidade de refrigerador no "O Estado" de 1957.....</u>	<u>58</u>
<u>Figura 9: Fotografias no jornal "O Estado" em 1959.....</u>	<u>60</u>
<u>Figura 10: Poema "No alvo", de Atirador, <i>Jornal d'Oeste</i>.....</u>	<u>62</u>
<u>Figura 11: Propaganda do diretório regional da UDN, <i>Jornal d'Oeste</i>.....</u>	<u>63</u>
<u>Figura 12: Anúncio publicitário da Tipografia Imparcial.....</u>	<u>65</u>
<u>Figura 13: Assinaturas e valores do jornal <i>O Imparcial</i>.....</u>	<u>66</u>
<u>Figura 14: Propaganda da lavanderia automática Bendix no jornal <i>O Imparcial</i>.....</u>	<u>67</u>
<u>Figura 15: Publicidade de 1949: <i>Artigos para senhoras</i>.....</u>	<u>68</u>
<u>Figura 16: Publicidade de 1957: <i>Lingerie Valisére</i>.....</u>	<u>69</u>
<u>Figura 17: Nota pública de Vicente Morelato no jornal <i>O Imparcial</i>.....</u>	<u>71</u>
<u>Figura 18: Oferta de veiculação de publicidade política no jornal <i>O Imparcial</i>.....</u>	<u>73</u>
<u>Figura 19: Nota editorial de inauguração do jornal <i>O Imparcial</i>.....</u>	<u>74</u>

ÍNDICE DE TABELAS

<u>Tabela 1: Livrarias, gráficas e fundições de tipos no Rio de Janeiro do século XIX.....</u>	<u>21</u>
<u>Tabela 2: Suplementos literários de literatura (1950-1960).....</u>	<u>35</u>
<u>Tabela 3: Suplementos literários de cultura brasileira e história (1950-1960).....</u>	<u>36</u>
<u>Tabela 4: Distribuição de votos por grupos de municípios segundo faixas de população total (1950).....</u>	<u>44</u>
<u>Tabela 5: Distribuição de votos por grupos de municípios segundo faixas de população urbana relativa (1950).....</u>	<u>44</u>
<u>Tabela 6: Quadro de membros da elite política chapecoense.....</u>	<u>49</u>

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PROBLEMÁTICAS HISTORIOGRÁFICAS DA IMPRENSA BRASILEIRA.....	20
2.1 UMA IMPRENSA PARA A POLÍTICA.....	20
2.2 HISTORIOGRAFIA DA IMPRENSA BRASILEIRA DOS ANOS 1950.....	28
3. PROBLEMÁTICAS POLÍTICAS E SOCIAIS DE SANTA CATARINA E DE CHAPECÓ.....	40
3.1. AS RELAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DE SANTA CATARINA E SUAS INFLUÊNCIAS NA REGIÃO DE CHAPECÓ.....	41
3.2. PRÁTICAS DE IMPRENSA E POLÍTICA NA FRONTEIRA SUL E EM SANTA CATARINA (1930-1960).....	50
4. JORNALISMO NA FRONTEIRA SUL E AS NOVAS PRÁTICAS DE IMPRENSA DA DÉCADA DE 1950.....	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
6. REFERÊNCIAS.....	79
6.1. BIBLIOGRAFIA.....	79
6.2. FONTES.....	83

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo a análise de um determinado espectro de transformações ocorridas na imprensa da região de Chapecó na década de 1950, precisamente no que gira em torno da história da imprensa periódica e suas relações políticas e econômicas, a fim de inserir novas problemáticas à relação entre História da Fronteira Sul e História da Imprensa Brasileira.

Dito isso, esta pesquisa se situa na linha “História dos Movimentos e das Relações Sociais na Fronteira Sul” do PPGH/UFFS. Isso se justifica, sobretudo, por conta da compreensão política e histórica do Brasil Meridional enquanto espaço para exploração comercial ocupado pelas companhias colonizadoras na Era Vargas e na Quarta República Brasileira, temas intrínsecos à denominada linha, bem como por sua relação indissociável com a cultura de imprensa.

Acerca dessa compreensão política e histórica, desponta-se o tema do coronelismo, tratado quase que com unanimidade enquanto sustentáculo das oligarquias e das relações de poder pelas mais consolidadas bibliografias da História do Brasil (CARVALHO, 1997; QUEIROZ, 1969). Além disso, a História da Fronteira Sul vê-se marcada pelo “Grito de Marcha para o Oeste” estadonovista (PETROLI, 2008, p. 12; RADIN, 2021, p. 316), movimento basilar para a composição das elites locais e de suas dinâmicas comerciais e suas inflexões sociais, culturais e políticas, especialmente no que diz respeito ao exercício publicitário, prática que, ao seu tempo, viu-se estritamente ligada à ascensão de novas práticas jornalísticas no Brasil dos anos 1930.

Ao assumir um papel central na política da Era Vargas, o jornalismo, além de retratar um horizonte de acontecimentos cotidianos, protagoniza o agenciamento de discursos na sociedade, vide a imprensa tanto como uma empresa que representa interesses e fenômenos de uma classe quanto protagonista desses mesmos interesses e fenômenos.

Dessa maneira, busca-se, nesta pesquisa, trazer essas diferentes relações históricas contidas nesses textos jornalísticos, principalmente acerca da utilização dos conceitos e imaginários de classe impressos nesses textos como estratégia argumentativa da atividade jornalística.

Tal posição acerca do discurso, na história da imprensa brasileira, pode ser relacionado na obra *Arautos do liberalismo* (1989), de Maria Helena Capelato, que analisa as movimentações da imprensa frente a ascensão dos ideais liberais entre 1920 e 1945 no

sudeste brasileiro. Também pode se relacionar com as assertivas de Monica Hass a respeito da imprensa chapecoense entre 1945 e 1955: uma “importante estratégia política dos grupos que disputavam o poder” (HASS, 2000, p. 189). Perspectiva semelhante pode ser constatada na pesquisa de José Carlos Radin (2021, p. 316) acerca da publicidade promovida pelas companhias colonizadoras na Fronteira Sul; ademais cita-se aqui também o caso do jornal *Correio Riograndense*, da região de Caxias do Sul (RADIN, 2021, p. 321).

Figura 1: Publicidade da empresa colonizadora Ernesto Francisco Bertaso



Fonte: A VOZ DE CHAPECÓ. Chapecó, 3 mai. 1939. p. 3¹.

Tanto na História quanto nas Ciências Humanas em geral, o jornal se consolidou e fez-se recurso largo. Uma gama de pesquisadores se dedica à imprensa enquanto objeto central de pesquisa. Trabalhos como *Jornal O Estado* (MATA, 1996)² referem-se aos periódicos como agentes sociais, sobretudo quanto à esfera pública em suas concepções político-culturais, seus movimentos e interesses de classe, aludindo, assim, à importância dos jornais em relação a seu protagonismo na História.

Embora haja diversas pesquisas que referenciem a imprensa da região de Chapecó em variados períodos e acontecimentos, ou ainda – e já adentrando no período proposto deste projeto – que remontam problemáticas da Era Vargas e seus desdobramentos na região, como nas pesquisas de Mônica Hass (2013; 2010) e Francimar Ilha da Silva Petrolí (2008), faz-se imprescindível o foco na história da imprensa regional e seus desdobramentos sociais, culturais, econômicos e políticos da Fronteira Sul.

¹ *EMPRESA COLONISADORA Ernesto F. Bertaso. A propaganda de suas terras é feita pelos que já compraram e nelas residem. Escritório: Rua Pereira e Oliveira/ CHAPECÓ/S. CATARINA.*

² Problematiza o periódico *O Estado*, da região de Florianópolis, no período de 1915 a 1931.

A delimitação temporal central deste trabalho se dá durante os anos 1950, mas não se descarta os períodos próximos ao central a título de análises comparativas. Também, seleciona-se, em centralidade, os seguintes periódicos: *Jornal d'Oeste* (1948-1954), *O Imparcial* (1951-1959) e *A Voz de Chapecó* (1939-1953). Embora haja períodos anteriores ao delimitado para análise central do trabalho, essa seleção foi assim feita no intuito de comparar os discursos entre períodos, com destaque às transformações na cultura de imprensa.

Cabe aqui também ressaltar, e conforme Maria Helena Rolim Capelato alerta em *Imprensa e História do Brasil* (1988), que o jornal “não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem sua compreensão” (CAPELATO, 1988, p. 24). Aqui também não se pretende isolar esses periódicos a fim de compreendê-los em si mesmos, bem como não nos cabe considerá-los “espelhos da realidade”, mas sim entendê-los como discurso e representação.

Tal recorte assim foi determinado tanto pelas tensões e polêmicas políticas do período, visto a literatura de Mônica Hass (2013; 2000) e outras aqui contidas, quanto em razão de que, em contato prévio com esses periódicos em pesquisa de iniciação científica³ e trabalho de conclusão de curso⁴, notou-se um horizonte repleto de problemáticas a serem levantadas. Tais questões referem-se aos discursos empreendidos por ambos jornais de Chapecó com a finalidade de demonstrar e incitar posicionamentos políticos, econômicos, culturais e intelectuais.

Também, notou-se nesses jornais, no período, uma certa intensificação nas práticas publicitárias e poéticas que remontam uma época de transformações do jornalismo brasileiro, podendo despontar uma gama de particularidades que fazem destoar as relações sociais e de poder na Fronteira Sul mediante a comparação entre práticas de imprensa dos grandes centros e práticas de imprensa no interior do país.

Dentre as inúmeras questões correspondentes ao campo discursivo desses jornais, e aqui ainda tratando de justificar as décadas delimitadas para esta pesquisa, há de se ressaltar a discussão medular deste trabalho, que se posiciona num espaço de diálogo com as produções da história do jornalismo brasileiro e com as teorias do jornalismo brasileiro. Acerca disso, Alzira Alves de Abreu (ABREU *et al.*, 1996, p. 13-60) afirma que diversos aspectos

³ Edital nº 398/UFGS/2017, projeto “**Cultura escrita e poesia oral**: Vicente Morelato e o poema da história do linchamento de 1950 em Chapecó”.

⁴ SANTANA, Thiago Cinti Bassoni. **Cultura escrita e história intelectual**: o caso de vicente morelato e o poema do linchamento de 1950. 2018. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffrs.edu.br/handle/prefix/2896>. Acesso em: 20 fev. 2022.

culminaram, de maneira gradual, em consideráveis mudanças estéticas nos jornais brasileiros dos anos 1950. Ou seja, a prática de imprensa foi lentamente incorporando novas tendências que, dentre essas, pode-se citar o advento da “grande mídia” e as novas gerações de “intelectuais criativos” (ABREU *et al.*, 1996, p. 26).

Chapecó, em 1950, situava-se em meio às dissensões políticas da então nova república e o *establishment* social. Esse cenário político não era discrepante da realidade nacional: udenistas *versus* pessedistas (grande parte da elite colonizadora da região)⁵. Já os petebistas catarinenses notoriamente divergiam à ordem de seu diretório nacional e de Vargas ao contabilizar seu apoio à UDN em boa parte dos municípios do estado, o que ocasionou inúmeros conflitos e rendeu uma boa quantia de artigos aos jornais.

Embora o PSD compusesse grande parte do poder político nacional, visto que sua formação se deu “basicamente pelos grupos que se encontravam no poder” (CARREIRÃO, 1988, p.44) durante o Estado Novo, em 1950, Nereu Ramos, baluarte da nacionalização em Santa Catarina, que já havia perdido grande parte do eleitorado do Vale do Itajaí e nordeste catarinense, endossou a dispersão dos pessedistas no Estado ao apoiar Getúlio Vargas (PTB), contrariando as direções de Dutra (ARAUJO, 2019, p.9).

Ainda que Nereu Ramos houvesse direcionado o apoio do PSD de SC à candidatura presidencial de Getúlio Vargas, os pessedistas da região de Chapecó — 3º maior colegiado eleitoral do estado na época – angariaram 42,6% dos votos ao “candidato fantoche” do PSD à presidência, Cristiano Machado, contra 36,6% do total de votos a Vargas. Todavia, o PSD perdeu seu posto executivo no município para a coligação de oposição formada por UDN, PTB, PSP e PRP. Não obstante, o caso de Chapecó e suas relações partidárias marca-se, principalmente, pelo fato de que aliança PTB e UDN surge como dissidente aos pessedistas (ARAUJO, 2019, p.30; HASS, 2000, p.157).

Conquanto derrotado o PSD no executivo municipal, elegeram-se 7 dos 11 vereadores da cidade pelo partido. *A Voz de Chapecó* não se absteve em seu papel de classe, inúmeros eram os artigos e publicidades em torno das eleições, tanto no que diz respeito a aliança entre UDN e PTB⁶ quanto no uso de um certo populismo publicitário no que diz respeito ao apoio de Vargas às candidaturas do PSD no estado⁷. Os udenistas, por sua vez, eram representados

⁵ Também representados pelo jornal *A voz de Chapecó*.

⁶ **A VOZ DE CHAPECÓ**. Chapecó, 17 set. 1950. p.4.

⁷ **A VOZ DE CHAPECÓ**. Chapecó, 24 set. 1950. p.1.

pelo *Jornal d'Oeste*. Com seus slogans “Catarinenses, alistai-vos”⁸, o jornal udenista teve seu fechamento em 1948 (HASS, 2000, p.214).

O tom nacionalista protagonizado pelos jornais da década de 1940 era bem-visto tanto nos periódicos “interioranos”⁹, visto o excerto anteriormente citado, quanto nos de maior circulação nas capitais. Essa prática caracterizava a circulação periódica brasileira, porquanto, no período, nota-se a ascensão dos “tecnocratas”, partícipes do desenvolvimentismo varguista. Ademais, grande parte dos jornais dependiam “dos favores do Estado” (ABREU *et al.*, 1996, p. 16) para sua manutenção.

Objetivando tornar esses jornais objetos do mundo e do tempo, esta pesquisa se debruça em torno da política local e seus desdobramentos na vida pública da imprensa de Chapecó. Nisso, a literatura de Monica Hass (2013; 2000) é crucial para o desenvolvimento desta pesquisa, visto que as problemáticas e os dados levantados em suas constatações caracterizam-se importantes pontos para a compreensão das dinâmicas da elite chapecoense e da composição dos partidos políticos na região.

Apesar de pautar o contexto à narrativa histórica, este trabalho não tem motivação em interpor um significado inerente à leitura desses periódicos. Busca-se não adentrar nos chamados “procedimentos de ‘consumo’” (CERTEAU, 1998, p.40) da informação, mas sim em dar vazão à reflexões que girem em torno da história dos meios de comunicação de 1950 a 1960.

Na historiografia, se faz tácita a divisão das características do meios de comunicação anteriores e posteriores às décadas de 1950 e 1960. Notoriamente, pós-1930, os “meios de comunicação assumiram em muitos momentos políticos decisivos, sobretudo no que diz respeito aos grandes centros (Rio e São Paulo), o papel de protagonista (BARBOSA, 2006, p. 219)”. Sendo assim, se faz necessário uma breve contextualização da História da Imprensa no Brasil, com objetivo de demonstrar mais claramente essas mudanças ocorridas tanto em 1930 quanto as posteriores a 1950.

Até a década de 1940, nota-se que, nos grandes centros, os jornais centravam-se na vida política, sendo pequenos no que se refere à receita e diversidade de conteúdo. Segundo Ribeiro (2003, p. 148),

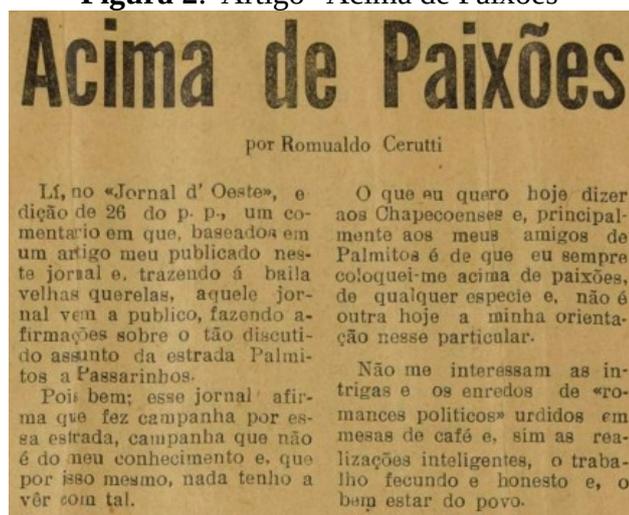
⁸ **JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 6 de set. 1947. p.1.

⁹ O conceito “interior” aqui é posto entre parênteses por ser objeto de discussões posteriores neste trabalho.

Até a década de 1940, a maioria dos diários era ainda essencialmente instrumento político. Pequenos em termos de tiragem e de recursos econômicos, os jornais eram acima de tudo porta-vozes do Estado ou de grupos políticos que os financiavam em parte ou na totalidade. A imprensa era ainda essencialmente de opinião e a linguagem da maioria dos jornais era em geral agressiva e virulenta, marcada que estava pela paixão dos debates e das polêmicas (RIBEIRO, 2003, p. 148).

Esses debates e polêmicas não caracterizavam apenas os jornais das capitais, mas também nas regiões do interior. Era comum que, nesses “ringues”, os artigos fossem endereçados a seus concorrentes. Todavia, essa concorrência não significava apenas a disputa de mídias para um maior alcance de leitores, exprimia também a sùmula da relação cidadina entre partidos políticos, conforme se nota no discurso a seguir.

Figura 2: Artigo "Acima de Paixões"



Fonte: CERUTTI, Romualdo. **A VOZ DE CHAPECÓ**. Chapecó, 18 jul. 1948. p. 2.¹⁰

Junto às questões partidárias, aspectos culturais serviam como meio de legitimação de discursos elitistas, essencialmente no que diz respeito à religião cristã católica. Na cidade de Petrópolis, frente a instituição da República, a Igreja viu-se no papel de coordenar e promover ações que garantissem a “recristianização” da sociedade brasileira. Nisso, os católicos

¹⁰ Lí, no "Jornal d'Oeste", edição de do p. p., um comentário em que, baseado em um artigo meu publicado neste jornal e, trazendo à baila velhas querelas, aquele jornal vem a público, fazendo afirmações sobre o tão discutido assunto da estrada Palmitos a Passarinhos.

Pois bem; esse jornal afirma que fez campanha por essa estrada, campanha que não é do meu conhecimento e, que por isso mesmo, nada tenho a vêr com tal.

O que eu quero hoje dizer aos Chapecoenses e, principalmente aos meus amigos de Palmitos é de que eu sempre coloquei-me acima de paixões, de qualquer especie e, não é outra hoje a minha orientação nesse particular.

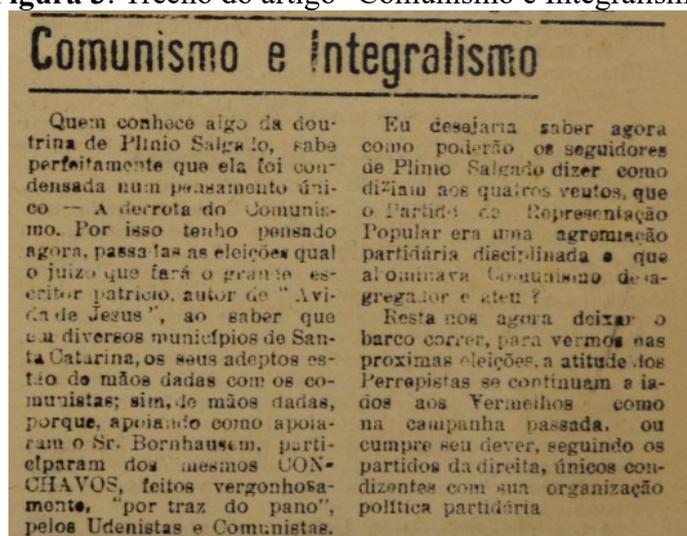
Não me interessam as intrigas e os enredos de "romances políticos" urdidos em mesas de café e, sim as realizações inteligentes, o trabalho fecundo e honesto e, o bem estar do povo.

“deveriam assumir uma postura mais ofensiva, entrincheirando-se num campo em que seus inimigos gozavam de grande vantagem: a imprensa (ALMEIDA, 2016, p. 333)”.

Na prática, essa relação entre imprensa, religiosidade e republicanismo concebeu diversas formas de discurso em ambas as partes. Na Florianópolis da década de 1950, catolicismo, elite partidária, anticomunismo e imprensa caminhavam juntos, pois o discurso antissindicalista no jornal *O Estado* buscava a dissolução de movimentações da classe operária (LOHN, 2002, p. 324).

Em Chapecó, *A Voz de Chapecó* partilhava dessas mesmas relações culturais. Acerca disso, serão levantadas problemáticas referentes à esfera cultural da região de Chapecó e da Fronteira Sul a fim de tratar dessas problemáticas em seus desdobramentos na vida pública.

Figura 3: Trecho do artigo "Comunismo e Integralismo"



Fonte: **A VOZ DE CHAPECÓ**. Chapecó, 16 fev. 1947. p. 1.¹¹

Entretanto, vale salientar a centralidade de um minucioso debate no que tange às práticas da atividade jornalística em Chapecó. Imputar aos jornais periféricos, como *A Voz de*

¹¹ *Quem conhece algo da doutrina de Plínio Salgado, sabe perfeitamente que ela foi condensada num pensamento único - A derrota do Comunismo. Por isso tenho pensado agora, passadas as eleições qual o juízo que fará o grande escritor patricio, autor de "A vida de de Jesus", ao saber que em diversos municípios de Santa Catarina, os seus adeptos estão de mãos dadas com os comunistas; sim, de mãos dadas, porque, apoiando como apoiaram o Sr. Bornhausen, participaram dos mesmos CONCHAVOS, feitos vergonhosamente, "por traz do pano", pelos Udenistas e Comunistas.*

Eu desejaria saber agora como poderão os seguidores de Plínio Salgado dizer como diziam os quatro ventos, que o Partido de Representação Popular era uma agremiação partidária disciplinada e que abominava o Comunismo desagregador e ateu?

Resta-nos agora deixar o barco correr, para vermos nas proximas eleições, a atitude dos Perrepistas se continuam aliados aos Vermelhos como na campanha passada, ou cumpre seu dever, seguindo os partidos da direita, únicos condizentes com sua organização política partidária.

Chapecó em Santa Catarina, as mesmas práticas periódicas presentes na capital de seu estado, constitui um problemático determinismo geográfico. Devido à atuação das empresas colonizadoras na região de Chapecó – como, por exemplo, a Colonizadora Bertaso¹² –, nota-se a presença massiva de imigrantes advindos do Rio Grande do Sul.

Através da propaganda, realizada no Rio Grande do Sul, que enfatizava o caráter virgem e fértil das terras oferecidas, a Colonizadora Bertaso incentivava os migrantes a adquirir pequenos e médios lotes rurais no oeste de Santa Catarina. Sobretudo, a propaganda proporcionou a rápida propagação entre os colonos gaúchos da idéia de que a ‘riqueza’ aguardava a todos, no oeste de Santa Catarina. As promessas de ganho para os colonos criavam a expectativa de uma nova vida, apesar de tratar-se uma continuidade sem variações de qualidade, da economia conhecida nas colônias velhas gaúchas (VICENZI, 2014, p. 305-306).

Nisso, além de possíveis relações entre a cultura escrita chapecoense com a presente na capital Florianópolis.

As inúmeras compreensões acerca da imprensa do período despontam diversas indagações quanto às tendências ou influências da imprensa de Chapecó. Também, as muitas interpretações a respeito da história do jornalismo nas proximidades regionais trazem dados conflitantes ou diferentes quando comparados mais amplamente com o cenário nacional. Vide a afirmação de Moacir Pereira (1992, p. 67) quanto a expansão dos meios de comunicação de Santa Catarina terem ganhado força apenas nos anos 1960.

Para além da discussão bibliográfica, a presente pesquisa utiliza o acervo de jornais presente no CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina), tais quais já citados anteriormente, a fim de analisar as divergências e convergências práticas da imprensa selecionada.

Acerca da metodologia de análise dos jornais enquanto fontes, verificou-se necessária a aproximação da História Serial com a finalidade de “serializar as informações ali perceptíveis no intuito de identificar regularidades, variações, mudanças tendenciais e discrepâncias” (BARROS, 2012, p. 206). Todavia, não se trata de imputar, essencialmente, uma narrativa historiográfica quantitativa ou de mentalidades a essas fontes, mas apenas de um modo de tratamento desse conjunto de periódicos.

Sendo assim, o presente trabalho divide-se da seguinte maneira: um primeiro capítulo “Problemáticas historiográficas da imprensa brasileira”, que visa analisar a composição e as

¹² Vide “HASS, Monica. Do coronelismo tradicional ao novo coronelismo: reflexões a partir do cenário político e social do oeste de Santa Catarina. In: RADIN, José C. *et al.* **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra&Vida. Chapecó: UFFS, 2015. p. 324”.

tensões culturais, políticas e sociais em torno das perspectivas do processo constitutivo da imprensa no Brasil, bem como apresentar a problemática das transformações ocorridas imprensa brasileira nos anos 1950 e 1960; um segundo capítulo “Problemáticas políticas e sociais de Santa Catarina e de Chapecó”, que busca analisar e problematizar a estrutura política federal, estadual e regional no que toca à região de Chapecó, além de aplicar as análises da história da imprensa do capítulo anterior no contexto regional; um terceiro capítulo “Imprensa de consumo: jornalismo chapecoense e as novas práticas de imprensa”, com o objetivo tanto de alinhar as análises acerca das transformações tratadas nos capítulos anteriores quanto de traçar uma melhor definição histórica ao conceito “imprensa de interior”.

Como citado de maneira sucinta anteriormente, os presentes jornais, bem como o presente problema de pesquisa e parte da bibliografia até aqui exposta advém da pesquisa “Cultura escrita e história intelectual: o caso de Vicente Morelato e o poema do linchamento de 1950”, pela qual foi possível se verificar a existência dessas fontes e da referida problemática.

2. PROBLEMÁTICAS HISTORIOGRÁFICAS DA IMPRENSA BRASILEIRA

2.1 UMA IMPRENSA PARA A POLÍTICA

“O primeiro dever do homem em sociedade he ser util aos membros della”¹³. É assim, em prosa explicitamente utilitarista, que surge a questionável origem da imprensa brasileira. Esse trecho é atribuído ao jornal *Correio Braziliense*, considerado por alguns como o primeiro periódico brasileiro. No entanto, outros contestam esse título, argumentando que o jornal foi editado e impresso em Londres.

Com base nos impressos produzidos em território nacional, o título de primeiro periódico brasileiro recai sobre a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Além disso, existem autores que classificam outros documentos anteriores ao século XIX como produções jornalísticas, como as cartas de missionários colonizadores, a cultura panfletária e cordelista, entre outros de natureza similar (BARBOSA, 2008, p. 92).

Ademais, é fundamental destacar que o surgimento da prática tipográfica se deu sob a tutela do Império, em 1808, por meio da implantação da Imprensa Régia, uma espécie de extensão da editora real já existente em Lisboa. A Imprensa Régia era subordinada à Secretaria de Negócios Estrangeiros e da Guerra, o que não significava o uso exclusivo para as burocracias imperiais, pois ali também eram impressos documentos e obras de particulares.

Outro pilar dessa cultura tipográfica seria a criação da folha institucional *A Gazeta do Rio de Janeiro* citada anteriormente, bem como a constituição da Junta Administrativa da Imprensa Régia enquanto censora de conteúdos que viessem a ser submetidos ao prelo. Destaca-se ainda, do período de 1808 a 1818, o crescimento exponencial do quantitativo de livrarias no país, cujo montante saltou, respectivamente, de dois para quinze (HALLEWELL, 1985, p. 47).

Na sequência, vale pontuar que a prática da censura prévia foi extinta pela Constituição de 1824. Entretanto, o Império não cessou a perseguição à oposição, representada grande parte por liberais e aspirantes da modernização, que passou a ser protagonizada pelo Conservatório Nacional. Segundo Nelson Werneck Sodré (1966, p. 221),

Para qualquer peça ser levada à cena, devia passar pela censura do Conservatório e receber o visto da polícia. Ainda assim, podia acontecer o imprevisto: as *Asas de um Anjo*, de Alencar, por exemplo, teve licença do

¹³ CORREIO BRAZILIENSE. Londres, jun. 1808.

Conservatório, em janeiro de 1858, e visto da polícia em maio, subindo a cena a 20 de junho: três dias depois foi proibida, pedindo a polícia ao Conservatório que reconsiderasse seu parecer. Alencar era já romancista conhecido, redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* (SODRÉ, 1966, p. 221).

Todavia, a economia liberalista em ascensão suprimiu, aos poucos, as pautas e ações imperiais, principalmente diante do crescimento do mercado das livrarias e do surgimento de outras firmas tipográficas, conforme segue tabela que elucida esse fato na região do Rio de Janeiro¹⁴.

Tabela 1: Livrarias, gráficas e fundições de tipos no Rio de Janeiro do século XIX

<i>Ano</i>	<i>Livrarias</i>	<i>Firmas impressoras</i>	<i>Fundidoras de tipos</i>
1801	2	-	-
1808	2	1	-
1810	6	1	1
1820	16	1	1
1823	13	7	1
1829	9	7	1
1842	12	12	1
1847	13	18	?
1850	12	25	2
1860	17	30	2
1663	17	32	3
1870	30	35	3
1880	27	35	3
1890	45	67	3

Fonte: HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. EDUSP. São Paulo: 1985, p. 47.

Embora essas discussões sejam fundamentais para a história da comunicação e da cultura escrita, é inegável que houve um surgimento tardio da cultura de imprensa no Brasil. Contudo, vale destacar que a imprensa periódica brasileira se constituiu nos entornos da atividade política, principalmente a partir do advento do Parlamento.

¹⁴ Tabela retirada de maneira integral de “HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. EDUSP. São Paulo: 1985, p. 47”.

Com relação a esse tema, sumariamente, esses jornais transitavam entre argumentos moderadores e liberais, principalmente por conta do controle que era exercido pelo governo sobre o papel e a censura. Todavia, seus redatores constituíram importante papel na construção de um espaço de opinião pública, principalmente por conta da forma que exploravam a conquista do público leitor em períodos eleitorais, ainda que esse espaço fosse minúsculo. Isso se afirma em virtude do tamanho do público leitor, visto que o primeiro recenseamento brasileiro, datado de 1872, período posterior ao tratado neste assunto, apontara 958 homens e 445 mulheres enquanto leitores e escritores, ou seja, de toda população brasileira, cerca de 0,1% era alfabetizada¹⁵.

Não obstante, os jornais, no mundo todo, frequentemente serviram como espaços de experimentação e disputa discursiva em diferentes formas e relações de poder. Paralelamente, surgiram diversos tipos de resistência à cultura letrada e erudita. No continente europeu, isso se deu pela intitulada “imprensa popular”, emergente também no século XIX, e sua inovação nas mídias de comunicação. Os chamados "Sundays" ou jornais dominicais, por exemplo, estabeleceram uma nova cultura urbana, combinando opiniões políticas com conteúdo noticioso do cotidiano cidadão. Esses jornais alcançaram uma circulação maior do que os jornais diários.

Ele continha informações políticas e de caráter geral, assim como notícias do exterior, mas tinha um conteúdo específico de reportagens sobre crime e escândalos. Uma boa parte das populares baladas, volantes, e ainda discursos fi nais de moribundos - sempre com vendas acima de todos os materiais de leitura – encontraram seu caminho dentro desta redefinição essencial de “jornal” (WILLIAMS, 2007, p.23).

No entanto, Raymond Williams (2007, p. 16) observa que um aspecto fundamental a ser considerado nas análises que envolvem comunicação e história é o encontro do agente histórico com o material impresso. É necessário que o agente possua um mínimo de habilidade de leitura ou, na ausência parcial ou total dessa habilidade, que sejam identificadas práticas de leitura em voz alta ao público pré-letrado e/ou não-letrado. Essa prática de leitura em voz alta era comum na época, tanto na Inglaterra, conforme cita Williams (2007, p. 23),

¹⁵ BRASIL. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 05 mai. 2023. Vale ressaltar que há problemáticas metodológicas neste censo, as quais foram tratadas na pesquisa “PAIVA, Clotilde A.. PUBLICAÇÃO CRÍTICA DO RECENSEAMENTO GERAL DO IMPÉRIO DO BRASIL DE 1872. Belo Horizonte: Cedeplar, 2012. Disponível em: http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/wp-content/uploads/2013/02/Relatorio_preliminar_1872_site_nphed.pdf. Acesso em: 3 mar. 2023.”.

quanto no Brasil, conforme evidenciado a cultura de leitura de jornais em praças públicas – vide essas práticas em Minas Gerais, por exemplo (OLIVEIRA; CARVALHO, 2016).

Essa prática vai além da simples leitura de jornais e revela os vestígios de culturas escritas que mesclavam tradições poéticas orais, como o cordel e o *payadorismo*. Não obstante, as culturas pré-letradas e não-letradas foram categorizadas pelos aspirantes à modernização nacionalista de forma negativa e desvalorizada enquanto "culturas populares", isso nas primeiras décadas do novecentos latino-americano. Ademais, para Paul Zumthor (2010, p. 22), historicamente, na América Latina, o que é transmitido oralmente é considerado folclórico, e o que é difundido mecanicamente é chamado de popular.

Acerca disso, a fim de melhor conceituar o problema dicotômico entre popular e erudito, Canclini (1989) é tido como destaque no que se refere a busca por soluções a essa questão no contexto latino-americano. Segundo o autor, o popular está inserido no processo constitutivo da modernidade e envolve contradições como moderno *versus* tradicional, culto *versus* popular e hegemônico *versus* subalterno (CANCLINI, 1989, p. 206). Ainda, na historiografia, ele explora essas contradições ao afirmar que a história do popular sempre esteve relacionada à história dos excluídos, aqueles que não possuem patrimônio ou não conseguem ter seu patrimônio reconhecido e preservado.

Numa esfera mais prática acerca da cultura de imprensa no Brasil, essa questão se refletiu em maior grau conforme os ideais de progresso, sumariamente disseminados pelos campos mais liberais e iluministas, ganharam maior força ao longo do século XIX. Conforme Marialva Barbosa (2013, p. 78), havia uma missão imposta aos “mestres das luzes”, categoria composta por alfabetizados, que importava o dever de levar a civilidade e o progresso à nação que estava a ser concebida no berço da liberdade e da fraternidade iluminista.

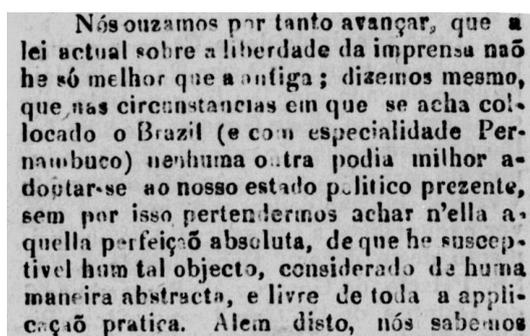
A imprensa servia, portanto, para que os “atos e providências” de diferentes governos chegassem ao conhecimento de todos. Mas os jornais tinham outras funções: definir a posição política adotada; expressar opiniões e juízos de valor; discutir as palavras de ordem do dia; e ampliar conhecimentos, dando aos que manejavam a pena o privilégio de instruir, educar, enfim, levando as Luzes àqueles que estavam “imersos nas trevas da ignorância” (BARBOSA, 2013, p.75).

A dicotomia “erudito vs. popular”, bem como a pressuposição modernizante de hegemonia do conhecimento erudito, visto como superior e moderno em contraste com o popular, que é difundido mecanicamente e considerado inferior e simplificado, marcou o surgimento da imprensa moderna. Posteriormente, de maneira processual, o jornalismo

impresso se tornaria um negócio capitalista devido ao aumento significativo do público leitor já em fins do século XIX e início do século XX, bem como pelas demandas impostas pelo mercado globalizado em ascensão.

No contexto da formação da imprensa no Brasil, embora os jornais de 1820 tivessem seu alcance limitado ao pequeno contingente de alfabetizados do país, grande parte desses jornais e de seus redatores serviram como eixo para a ascensão do pensamento e da ala liberal no país. De grosso modo, tanto o parlamento se constituiu por meio da imprensa, quanto a imprensa se constituiu no advento parlamentar. Ou seja, historicamente, no país, o exercício político, nos moldes modernos, bem como o exercício jornalístico, quase sempre andaram juntos nos bastidores da História.

Figura 4: Trecho do Diário de Pernambuco acerca da liberdade de imprensa



Nós ouzamos por tanto avançar, que a lei actual sobre a liberdade da imprensa não he só melhor que a antiga; dizemos mesmo, que nas circumstancias em que se acha collocado o Brazil (e com especialidade Pernambuco) nenhuma outra podia melhor adoptar-se ao nosso estado politico prezente, sem por isso pertendermos achar n'ella aquella perfeição absoluta, de que he susceptivel hum tal objecto, considerado de huma maneira abstracta, e livre de toda a applicação pratica. Alem disto, nós sabemos

Fonte: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**. Recife, 12 nov. 1830. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&pagfis=2712. Acesso em: 4 mar. 2023.¹⁶

Segundo Tassia Toffoli Nunes (2010, p. 160), no contexto do surgimento e consolidação dos princípios políticos da Constituição de 1824, alguns desses jornais participaram ativamente no que diz respeito a formação da opinião política em temas diversos, sobretudo nos que tinham respaldo da atividade cameral. O liberalismo era tanto visto na bandeira da liberdade de expressão, princípio muito bem trabalhado e difundido por esses periódicos, quanto no transparecimento da “existência generalizada do sentimento de

¹⁶ *Nós ouzamos por tanto avançar, que a lei actual sobre a liberdade da imprensa não he só melhor que a antiga; dizemos mesmo, que nas circumstancias em que se acha collocado o Brazil (e com especialidade Pernambuco) nenhuma outra podia melhor adoptar-se ao nosso estado politico prezente, sem por isso pertendermos achar n'ella aquella perfeição absoluta, de que he susceptivel hum tal objecto, considerado de huma maneira abstracta, e livre de toda a applicação pratica.*

que se civilizava o Brasil por meio das instituições que então se implantavam (NUNES, 2010, p. 160)”. Ainda, no que prossegue a autora:

Tanto a atuação política direta quanto a análise filosófica, publicadas pelos jornais analisados, sugerem que os redatores dessas folhas compreendiam a si mesmos, e assim atuaram, como agentes políticos importantes na conformação do sistema constitucional, seja pela ação direta de cobrança das autoridades, seja pelo exercício de formação e informação da nascente opinião pública brasileira (NUNES, 2010, p. 160).

Embora os jornais ficassem a mercê das perseguições protagonizadas pelo Império durante todo período que estende da formação da imprensa no país até o momento de crise imperial e o surgimento da República, já no final do século XIX a maioria desses periódicos representavam, de maneira contundente, a formação das elites econômicas no país.

No que se refere a região de Desterro, seu primeiro jornal, publicado em 1831, foi *O Catharinense*. Para compreensão dessa primeira imprensa periódica, é necessário dialogar brevemente com a estrutura política que se estabeleceu em 1824. Após o advento da Constituição de 1824, cada província brasileira passou a ter seus representantes escolhidos pelo Império, bem como se instituíram os Conselhos Gerais, uma espécie de órgão de função legislativa. Com isso, constituiu-se, em Desterro, uma elite ligada ao poder imperial, todavia com fortes influências liberais.

Ademais, diversos setores imperiais haviam se aproximado do liberalismo, como é o caso de diversas alas militares. No que concerne a isso, Jerônimo Francisco Coelho, filho de militar e formado na Escola Militar do Rio de Janeiro, se instalou na região desterrense a fim de instituir *O Catharinense*. Por mais que fosse um pequeno jornal, visto em proporções dos jornais que circulavam no Rio de Janeiro à época, esse periódico era feito quase que de maneira artesanal por Coelho, que atuava desde a redação até a distribuição dos exemplares a seu público sumariamente composto de militares e funcionários da província (PEDRO, 1995, p. 17).

Conforme Joana Maria Pedro (1995, p. 39), vários jornais circularam em Desterro no século XIX, entretanto poucos tiveram ação duradoura. A prática jornalística estava intrinsecamente ligada ao exercício do poder provincial. Ainda conforme segue a autora (PEDRO, 1995, p. 49), na segunda metade do mesmo século, com o fortalecimento dos conservadores na região, houve uma maior circulação de periódicos em comparação com períodos anteriores. Nisso, as disputas e dissensos políticos se consolidaram na imprensa.

Já no Paraná, *O Dezenove de Dezembro* foi o primeiro periódico de circulação, tendo seu primeiro ano em 1854 na cidade de Curitiba enquanto um “surgimento tardio forçado”. Acerca disso, tal imprensa tardia se deu devido ao fato de que o Paraná, até 1853, compreendia-se enquanto 5ª Comarca de São Paulo.

Todavia, no território paulistano, a imprensa política teve suma importância na disseminação de ideias da oposição ao Império. O caso do *Federalista*, jornal de 1832, pode ser tomado como exemplo. O jornal, de ideal liberal, era redigido por José Ignacio Silveira da Motta, que mais tarde viria a ser deputado geral pelos paulistas e senador pela província de Goiás. Segundo Affonso A. de Freitas, em *Imprensa periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*, catálogo festivo encomendado para o centenário da imprensa brasileira e fundamentado nos parâmetros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), *O Federalista* “pugnava pelas ideias federativas, agitadas na época, e combatia ao lado d’*O Paulista* a restauração do primeiro imperio intentada pelos partidos Caramuru e Carijó (FREITAS, 1915, p. 55)”.

Esse empenho do IHGB¹⁷ em registrar o marco do centenário da imprensa brasileira no início do século XX demonstra como a imprensa ganhou força durante a queda do Império e ascensão da República, bem como ela se consolidou gradualmente em diversos pontos da esfera pública nacional. Segundo Marialva Barbosa (2013, p. 69), nesse período a palavra “imprensa” era uma das coisas mais retratadas no cotidiano brasileiro.

Não obstante, a cultura jornalística também se fortaleceu no início do século XX por inserir-se no contexto do nacionalismo e do desenvolvimentismo. Os jornais, que anteriormente tinham uma função principalmente publicitária de governos locais, passaram a lidar com outros elementos, como a presença do repórter. Segundo Cláudia Mesquita (2020, p. 336), esse profissional desempenhou um papel crucial na consolidação das diferenças sociais e no estabelecimento de uma certa comunicação social entre camadas contrastantes da sociedade em urbanização.

Esse destaque à figura do repórter, primeiramente no Rio de Janeiro, como um porta-voz da cultura urbana marca o que se tem enquanto *belle époque*. Sem embargo, para além de facilitar a comunicação entre grupos socialmente excluídos e a elite, os jornais refletiam,

¹⁷ Vale citar aqui a dissertação de Alvaro Daniel Costa acerca do tema: “COSTA, Alvaro Daniel. **A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA NO IHGB: UMA MEMÓRIA DO JORNALISMO NACIONAL (1908)**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ppgh, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2365>. Acesso em: 03 jun. 2023”.

intensamente, as políticas modernas do Estado em torno da construção de uma identidade nacionalizante. Essa relação entre imprensa e governo se tornou ainda mais evidente com o surgimento do varguismo.

O período de Vargas trouxe à tona as questões relacionadas à composição racial brasileira de forma mais evidente. A construção de um "tipo nacional", presente em diferentes momentos políticos durante a primeira metade do século XX, envolvia tanto a valorização da cultura escrita do euro-brasileiro higienizado quanto a marginalização das culturas orais afro-brasileiras. A ideia de eugenismo, que incluía a noção de branqueamento, promovia a imigração de indivíduos de ascendência indo-europeia com base em ideais explicitamente raciais. Os jornais desempenharam um papel importante como porta-vozes dessas ideias, uma vez que essa visão fazia parte do conceito de modernidade por eles perseguido.

Entretanto, vale ressaltar que a relação entre os meios de comunicação e o varguismo, principalmente no que diz respeito aos primeiros quinze anos de governo, não se constituiu pacificamente. Embora o governo Vargas tivesse deixado claro seu intento em se aproximar dos meios de comunicação por parte da propaganda e das grandes mobilizações nacionalistas, isso implicava a dissolução da mídia opositora e a amplo alinhamento entre os jornais e o Regime. Em 1939, grande parte da liberdade conquistada pela imprensa foi cerceada pela ação de censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ação que grande parte prejudicou a existência ou consolidação de pequenos jornais da época.

Segundo Marialva Carlos Barbosa (2006, p. 220), os grandes jornais desse período demonstraram mais proximidades do que divergências em relação à Vargas e suas políticas. Embora as questões político-partidárias fossem censuradas, os meios de comunicação pareciam convergir para o advento da "massa", público ao qual tanto a mídia quanto o Regime queriam atingir. E essa questão se deu de maneira latente após a instituição dos programas estadonovistas e seu maior uso das rádios por parte do Estado.

Havia a preocupação em incluir um novo personagem: o público agora visto como massa. Havia, ainda, a construção de um ideal de nação, no qual prevalecia a ideia de direcionamento político e intelectual dos que ocupavam posição dominante face ao restante da população (BARBOSA, 2006, p. 220).

Ainda segundo Barbosa (2006, p. 221), no final dos anos 1930, grande parte dos jornais de ampla circulação são editados em cerca de 25 páginas por caderno. Também, suas

versões dominicais atingiam cerca de 60 páginas. No que se refere à tiragem, variava entre 40 mil exemplares de diários matutinos e 120 mil exemplares de diários vespertinos.

Acerca dos impressos, em sua confecção, grande parte dos modos de impressão tidos no Brasil até a década de 1930 se deram por meio das relações culturais que se traçaram a partir da imigração europeia estimulada desde o período imperial, principalmente após a promulgação da Lei Eusébio de Queiroz. As fundições e os comerciantes de tipos, impulsionados principalmente após a década de 1880, mantêm relações culturais explícitas entre as culturas tipográficas europeias, grande medida as alemãs e italianas, e seus catálogos de vendas de tipos e máquinas tipográficas nos grandes centros urbanos do país. Ou seja, por mais que as tipografias estivessem em processo de capilarização na década de 1930, a cultura tipográfica ainda se via similar às do século passado em características como estilo de fontes, vinhetas (linhas, coleções de ornamentos, aparatos de apoio para ilustrações), dentre outros.

Entretanto, algumas formas de impressão já vinham sendo incorporadas às práticas tipográficas na primeira metade do século XX, das quais, vale destaque ao sistema de medidas em pontos, concebido ainda no século XVIII. Todavia, em 1940 ainda era possível notar a presença de layouts de caixas de tipos em modelo alemão aos moldes coloniais (FARIAS, 2016, p. 93).

Um ponto importante a ser destacado gira em torno das técnicas de impressão de imagens nos impressos. A questão do baixo impacto da fotografia na tipografia brasileira a partir de sua chegada na década de 1840 se deu principalmente por conta do processo empregado para impressão da imagem, primeiramente era empregada a custosa daguerreotípia e, posteriormente, pelo trabalhoso processo de colódio. Foi somente a partir de 1880 que a fotografia ficaria mais acessível, com a introdução de câmeras de filme em rolo pela Kodak. Todavia, o destaque consta que embora houvessem câmeras baratas no início do século XX, nos jornais e revistas de grande circulação, a técnica da fotografia se consolidaria apenas nos anos 1920 (DENIS, 2000, p. 54).

2.2 HISTORIOGRAFIA DA IMPRENSA BRASILEIRA DOS ANOS 1950

Os parágrafos a seguir destacarão algumas compreensões historiográficas e teóricas acerca da análise de imprensa no intuito de melhor situar a problemática desta pesquisa. A esse respeito, primeiramente, vale mencionar a concepção marxista estruturalista relativa ao

papel ideológico do jornalismo, que afirma que os jornais se consolidaram em grande medida pela interligação dos interesses ideológicos governamentais aos interesses privados desempenhados pela hegemonia burguesa. Isso é evidenciado pelas considerações apresentadas por Louis Althusser (1974, p. 44) ao abordar os Aparelhos Ideológicos de Estado, incluindo todos os meios de comunicação da imprensa em sua análise.

No entanto, ao longo da segunda metade do século XX, emergiram outras perspectivas que exploraram a cultura e a política no contexto da história da comunicação, mesmo dentro do contexto marxista. Muitas dessas concepções trouxeram à tona uma problematização do jornalismo enquanto atividade empresarial capitalista, visto que várias de suas características haviam se desvinculado do controle estatal nos entremeios do mesmo século.

Considerado um dos pilares da historiografia da imprensa brasileira, Nelson Werneck Sodré (1966) representa uma dessas perspectivas, principalmente no que se refere ao processo que engendra as diversas dinâmicas formadoras da estrutura da imprensa no Brasil.

De acordo com Sodré (1966, p. 316), a imprensa brasileira, durante a Primeira República, esteve dividida entre fundamentos pré-capitalistas, predominantemente representados por latifundiários, e fundamentos burgueses, que refletiam o crescente capitalismo industrial. Esse tipo de imprensa teria perdurado de maneira decadente até meados do século XX, quando ocorreu o que Sodré chama de "Revolução Brasileira" (1966, p. 450) entre 1950 e 1960. Esse evento remodelou a prática jornalística no país, resultando na interligação entre as empresas de comunicação e os interesses norte-americanos.

O grande destaque se dá na crescente diversificação da imprensa, incluindo revistas ilustradas e publicações dirigidas a públicos específicos. A ascensão da grande imprensa industrial e a adesão a padrões internacionais, como o uso de folhetins e ilustrações.

O livro *História da Imprensa no Brasil*, escrito de Nelson Werneck Sodré lançado em 1966 pela editora Civilização Brasileira, constitui seu *magnum opus*. Com um empenho de quase três décadas em pesquisa, o autor oferece um panorama abrangente da imprensa brasileira desde 1808 até a década de 1960.

No quinto capítulo do livro, o autor aborda a imprensa das décadas de 1950 e 1960, caracterizando essa época como uma fase de crise e transição. Ele destaca a uniformização das posições dos jornais e a influência do neoliberalismo, que levou a imprensa a se alinhar com as forças dominantes nas dinâmicas econômicas globais.

Sodré, em grande parte, tinha em si as ideias de organicidade intelectual de Gramsci, uma vez que lutava ativamente por uma imprensa consonantemente nacionalista e democrática. Todavia, a seu ver, a imprensa brasileira caminhava grande parte a oposto desses valores. Para ele, a imprensa se detinha, grande parte, em discussões políticas que “derivavam para a vala comum da injúria, da difamação, do insulto repetido (SODRÉ, 1966, p. 181)”.

Segundo Mariana L. C. Cabrita (2010, p. 29-30), devido ao contexto, onde a educação se via deficitária e imperava o analfabetismo, somente a linguagem ofensiva utilizada por grupos políticos em conflito ganhava destaque. Tal linguagem era considerada essencial durante os debates sobre problemas, doutrinas e questões que eram pertinentes à época. Além de propagar ideias, seu propósito era silenciar os oponentes e alcançar o controle, tudo sob a bandeira de ideais e interesses pessoais, frequentemente disfarçados por discursos patrióticos, dependendo da perspectiva de cada grupo. Para a autora, a “imprensa apenas adaptou-se a tais condições (CABRITA, 2010, p. 29)”.

De acordo com Sodré¹⁸, os jornais brasileiros historicamente não davam ênfase à política em si, mas sim ao acontecimento político, que se limitava a áreas restritas onde estão presentes aqueles envolvidos na política e no poder. Esses espaços limitados são caracterizados por relações pessoais e pela linguagem agressiva da imprensa política, a qual busca descreditar a pessoa do opositor, em vez de discutir sua política.

Ademais, acerca da cultura de massa, em edição do *Correio Paulistano*¹⁹, Sodré observa o controle dos meios de comunicação pela cultura estrangeira, resultando em uma distorção dos padrões culturais brasileiros. Diversos aspectos culturais contribuiriam para a formação de uma cultura que, na visão do autor, não é verdadeiramente nacional, excluindo assim a cultura local. Sodré destaca que a influência norte-americana se torna dominante.

Acerca dessa transição de imprensas anteriores e posteriores à guerra, Alzira Alves de Abreu (1996, p. 10) compartilha da ótica de que houve significativas mudanças na cultura jornalística a partir dos anos 1950 no Brasil. Segundo ela, os jornais do período foram marcados pelo que pode ser chamado de “industrialização da cultura” – ou simplesmente pelo aprimoramento de técnicas tipográficas e de redação – bem como da introdução do marketing e de novos conceitos publicidade nos jornais. Para ela, essa mudança estrutural pode ser evidenciada na ruptura da cultura de relacionamento que a imprensa tinha com o governo.

¹⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. A pequena imprensa na regência e no império. **REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL**. São Paulo: jul./ ago. / 1950, p. 47-54.

¹⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. Descaracterização Nacional. **CORREIO PAULISTANO**. São Paulo: 31 ago. 1952, p. 77.

Uma análise, mesmo superficial, do comportamento da imprensa brasileira neste século indica que no pós-guerra os jornais passaram por grandes transformações, tornaram-se de fato empresas comerciais detentoras de poder econômico e introduziram inovações técnicas, gráficas e editoriais. Além disso, contribuíram para as rupturas que ocorreram na imprensa os acontecimentos políticos traumáticos que tiveram lugar nessa década. A crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954 pode ser vista como um divisor de águas. A imprensa, que nos meses que precederam o 24 de agosto exacerbou a linguagem violenta e apaixonada utilizada no tratamento dos temas políticos, a partir desse acontecimento buscou maior objetividade na construção e transmissão da notícia. A forma de fazer oposição a Vargas foi percebida por parte da imprensa de oposição como parcialmente responsável por esse drama político, e uma nova imprensa foi surgindo a partir de então (ABREU, 1996, p. 10).

Embora a autora tenha reconhecido que esses e outros fatores internos levaram a mudanças significativas no jornalismo brasileiro, ademais, converge à tese defendida por Nelson Werneck Sodré no que diz respeito   influência norte-americana no âmbito cultural.

Segundo Alzira Alves de Abreu (1996, p. 15), nos anos 1950 viu-se o surgimento de jornais que introduziram novas técnicas de apresenta o gráfica e uma maior cobertura jornalística dos acontecimentos, como a *Tribuna da Imprensa* (1949) e a * ltima Hora* (1951), ou ainda o *Diário Carioca* e a constitui o de uma equipe de copidesque em sua reda o. Isso só foi possível mediante a influência cultural da imprensa norte-americana nos jornais brasileiros.

As inova es introduzidas no jornalismo brasileiro a partir da década de 50 se fizeram sob a égide de alguns dos jornalistas que viveram nos Estados Unidos durante os anos 40, como Pompeu de Souza, Danton Jobim e Samuel Wainer. Os dois primeiros iriam levar sua experiência para o *Diário Carioca* e o segundo para a * ltima Hora*. Já no final dos anos 50, Alberto Dines introduziu muitas idéias no *Jornal do Brasil*, como resultado de sua passagem pelo *Los Angeles Times* (ABREU, 1996, p. 15).

Ambas as perspectivas abordadas neste subcapítulo consideram a leitura dos fatos que levam em conta o processo de industrializa o nacional como um divisor de águas na imprensa. O desenvolvimentismo da década de 1950 tornou mais evidente a necessidade de uma forma o técnico-científica para ingressar nas estruturas empresariais.

Longe de uma visão uniforme dos fatos que levaram a mudanças na imprensa, o impacto do processo de industrializa o na cultura escrita brasileira foi significativo. Nisso, muitos jornais suprimiram seus cadernos especiais no intuito de se aterem nas estratégias de

dar maior vazão às seções de economia e política ou de corte de gastos. A imprensa dos anos 1950 viu-se frente ao dilema capitalístico, uma vez que, caso não cedesse espaço à nova lógica cultural, estaria fadada ao fracasso. No entanto, enquanto alguns jornais seguiram essa solução, outros viram nessa oportunidade uma chance para reforçar ainda mais seus cadernos especiais, especialmente os suplementos literários. Um exemplo disso é o jornal *O Estado de São Paulo*, que lançou seu suplemento literário em 1953.

Para alguns intelectuais da imprensa na época, como Heráclio Sales, isso ocorreu devido a dois fatores, em ordem de importância: primeiro, devido às transformações na imprensa brasileira, que a tornaram cada vez mais semelhante a uma indústria sujeita às influências do mercado financeiro; segundo, devido à crise do papel, que restringiu o espaço para temas de menor importância de mercado (ABREU, 1996, p. 20).

Embora esse tenha sido um dilema enfrentado pelos jornais de grande circulação, os suplementos literários formaram redes de sociabilidade intelectual na década de 1950, com outros elementos “vanguardistas” da *belle-époque*, tais como cafés, clubes, revistas literárias e editoras. Segundo Abreu (1996, p. 23), nesses espaços “se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidades e ocorriam cisões (ABREU, 1996, p. 23)”.

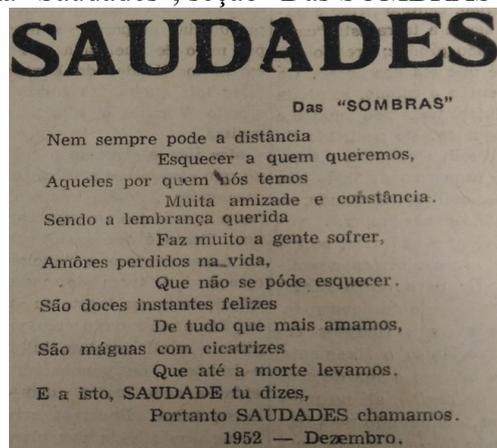
Não obstante, na região de Chapecó, durante esse período, alguns de seus jornais de circulação regional mostraram uma certa aproximação em relação a conteúdos literários. Muitos desses periódicos, inclusive, não tinham uma coluna literária em períodos anteriores à década de 1950.

Esses periódicos passaram a evidenciar uma transformação nas relações estabelecidas com a expressão poética. Em várias ocasiões, observa-se que a voz poética, nos jornais, começou a se associar aos habitantes locais. Independentemente de manifestações no âmbito religioso ou político, esses textos assumiram características distintas, às vezes até mesmo sob a influência do movimento simbolista²⁰, por meio da contribuição de algumas personalidades para o periódico.

²⁰ É relevante destacar que o simbolismo brasileiro exerceu considerável influência sobre o cenário poético do estado do Paraná no final do século XIX e início do século XX, como evidenciado por estudos de Carollo (1971). Além disso, o movimento simbolista também deixou sua marca em diversas figuras em Santa Catarina, exemplificado pelo poeta Cruz e Sousa (1861-1898), no final do século XIX, e por Juvêncio de Araújo Figueiredo, com sua obra "Praias de minha terra" publicada em 1927, em Florianópolis. No Rio Grande do Sul, a corrente literária simbolista também se fez presente em obras como "Via Sacra" de 1902, autoria de Marcelo Gama (1878-1915), destacado expoente do simbolismo riograndense, conforme documentado por Amaral (2010, p. 19).

Concedendo espaço aos intelectuais²¹ regionais, o *Jornal do Povo* ganhou novas dimensões com a breve seção poética intitulada *Das SOMBRAS* publicada em 1953. Estes poemas eram de autoria do próprio diretor do jornal, Ricardo C. Albuquerque. Em contraste, nas edições anteriores sob a direção de Carlos de Danilo Quadros, o jornal havia publicado textos rotineiros de articulistas, como a matéria sobre o linchamento de 1950 em Chapecó (JORNAL DO POVO, 1951a, p. 2). No entanto, já se dava voz à expressão poética cidadina, como evidenciado por vários artigos assinados por Roberto Machado. Em um de seus artigos, Machado faz referência a Cícero para criticar o cenário senatorial da década de 1950 (JORNAL DO POVO, 1951, p. 4).

Figura 5: Poema "Saudades", seção "Das SOMBRAS", *Jornal do Povo*.



Fonte: ALBUQUERQUE, Ricardo C.. SAUDADES. In: **JORNAL DO POVO**. Chapecó, 1 fev. 1953.²²

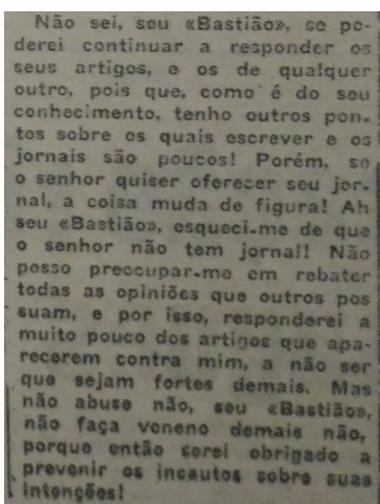
Ademais, na região de Chapecó, o espaço jornalístico evidenciava os diversos antagonismos existente de relações partidárias, principalmente no que diz respeito às divergências entre os simpatizantes da UDN, protagonizada basicamente por burocratas e tecnocratas novos na região, e aliados da elite colonizadora local, representada pela PSD. Embora ambos partidos tivessem origens e modus operandi convergentes em grande parte do país, no Oeste Catarinense essas dissensões se deram de maneira mais intensa, principalmente em 1950, com a polêmica união local entre UDN e PTB, que contrariava as alianças estabelecidas pelo diretório nacional dos petebistas.

²¹ Entendendo aqui o termo "intelectual" como aquele situado em um contexto criativo perante a sociedade (SHILS apud SAID, 2005, p. 46).

²² *Nem sempre pode a distância / Esquecer a quem queremos, / Aqueles por quem nós temos / Muita amizade e constância. / Sendo Lembrança querida / Faz muito a gente sofre, / Amôres perdidos na vida, / Que não se pôde esquecer. / São doces instantes felizes / De tudo que mais amamos, / São máguas com cicatrizes / Que até a morte levamos. / E a isto, SAUDADE tu dizes, / Portanto SAUDADES chamamos.*

Ainda que o presente tema acerca das problemáticas políticas da região seja melhor exposto no capítulo seguinte deste trabalho, vale ressaltar que uma das personagens notórias do período, em âmbito regional, é o advogado Roberto Machado, simpatizante da UDN – embora afirmasse não ser filiado udenista – e fiel crítico à “alta cúpula” da elite colonizadora. Conforme citado o trecho de Alzira Alves de Abreu (1996, p. 23) acerca das dissensões e cisões entre os intelectuais da imprensa, bem como, ainda mais atrás, os apontamentos de Werneck Sodré (1966, p. 181) acerca da herança injuriosa da linguagem jornalística, alguns artigos de Roberto Machado podem ilustrar essas situações de tensão política na região, bem como demonstram certo aspecto cômico, como segue trecho de autoria de Roberto Machado à elite coronelista local.

Figura 6: Trecho do artigo "Azar deles", de Roberto Machado



Fonte: MACHADO, Roberto. AZAR DELES. In: **JORNAL DO POVO**. Chapecó, 22 mar. 1951.²³

Entretanto, o que realmente caracteriza essa mudança, para Abreu (1996, p. 20), se dá no fato de que os jornais que optaram pela mudança na estratégia de dar maior ênfase aos suplementos literários, foram justamente os que passaram pelo processo de mudança no modo

²³ *Não sei, seu "Bastião", se poderei continuar a responder os seus artigos, e os de qualquer outro, pois que, como é do seu conhecimento, tenho outros pontos sobre os quais escrever e os jornais são poucos! Porém, se o senhor quiser oferecer seu jornal, a coisa muda de figura! Ah seu "Bastião", esqueci-me de que o senhor não tem jornal! Não posso preocupar-me em rebater todas as opiniões que outros possuem, e por isso, responderei a muito pouco dos artigos que aparecerem contra mim, a não ser que sejam fortes demais. Mas não abuse não, seu "Bastião", não faça veneno demais não, porque então serei obrigado a prevenir os incautos sobre suas intenções!*

de se fazer jornalismo nos anos 1950. Podem ser citados como exemplo o jornal *O Estado de São Paulo*, citado anteriormente, e o *Jornal do Brasil*, com a implementação de seu suplemento literário no ano de 1956. Além disso, é uma hipótese deste trabalho que alguns jornais da região de Chapecó também tenham adotado estratégias semelhantes durante o mesmo período.

Ademais, acerca desta discussão, a escrita de páginas literárias se constituiu um mercado de inserção de jovens no jornalismo. Em geral, a atividade profissional de jornalista, na época, era pouco remunerada, quase sempre se fazia necessário o jornalista ter outra profissão, geralmente um cargo público, para garantir o seu sustento. Todavia, Abreu menciona que o emergente mercado em torno da escrita de suplementos literários nos jornais começou a proporcionar maior autonomia financeira aos jornalistas (ABREU, 1996, p. 27).

Tabela 2: Suplementos literários de literatura (1950-1960)

JORNAIS	ESCRITORES FREQUENTES	ESCRITORES EVENTUAIS	TOTAL DE ESCRITORES
<i>Jornal do Comércio</i>	1	-	1
<i>A Manhã</i>	4	-	4
<i>Diário de Notícias</i>	13	1	14
<i>O Jornal</i>	2	-	2
<i>O Estado de Minas</i>	4	3	7
<i>Diário Carioca</i>	5	5	10
<i>Correio da Manhã</i>	7	6	13
<i>O Estado de São Paulo</i>	8	5	13
<i>Jornal do Brasil</i>	5	7	12
<i>Folha da Manhã</i>	3	-	3
<i>O Globo</i>	3	-	3

Fonte: ABREU, Alzira Alves de. et al. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996, p. 31.

Tabela 3: Suplementos literários de cultura brasileira e história (1950-1960)

JORNAIS	ESCRITORES FREQUENTES	ESCRITORES EVENTUAIS	TOTAL DE ESCRITORES
<i>Jornal do Comércio</i>	3	-	3
<i>A Manhã</i>	6	-	6
<i>Diário de Notícias</i>	7	2	9
<i>O Jornal</i>	3	-	3
<i>O Estado de Minas</i>	4	1	5
<i>Diário Carioca</i>	5	3	8
<i>Correio da Manhã</i>	5	2	7
<i>O Estado de São Paulo</i>	2	1	3
<i>Jornal do Brasil</i>	6	4	10
<i>Folha da Manhã</i>	1	2	3
<i>O Globo</i>	-	-	-

Fonte: ABREU, Alzira Alves de. et al. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 32.

Essas mudanças na imprensa não se limitam somente a maior veiculação de suplementos literários nos jornais. Anteriormente, em meados da década de 1940, o desenhista André Guevara havia introduzido novas técnicas de editoração em diversos periódicos, como, por exemplo, o *Diário da Noite*, a *Folha Carioca* e principalmente o *Última Hora*. Essas técnicas priorizavam o minucioso planejamento de *layout* desses impressos. Segundo Dúnya Azevedo (2009, p. 94), a título de exemplo, no *Última Hora*, passou-se a dar maior atenção à página por meio de técnicas de planejamento, hierarquizando os elementos editoriais como manchetes e títulos, editando fotografias –consideradas elementos centrais para conquistar leitores no período – e melhor distribuindo espaços vazios entre colunas.

Diante do aumento da concorrência entre os jornais no decorrer dos anos 1950, o elemento que mais chamava a atenção dos leitores eram as fotografias, que foi gradualmente ganhando mais espaço nas páginas. Um fator que acompanha tal mudança se dá com a padronização de tabelas de preços calculadas em centímetros de coluna direcionados a crescente atividade publicitária, ocasionada tanto pelo crescimento da economia multinacional pós-guerra quanto pela ampliação das áreas de design no mercado empresarial. A junção desses dois fatores ocasionou a crescente demanda de introdução de cores nos diários e o aumento da receita (AZEVEDO, 2009, p. 94; DENIS, 2000, p. 162).

Sem adentrar em explicações acerca da praticidade dos métodos tipográficos, as mudanças citadas no parágrafo anterior só foram possíveis por conta tanto da introdução da impressão off-set no final dos anos 1950 quanto do aperfeiçoamento da fotocomposição ou composição a frio no início da década de 1960. Também, vale salientar que a promoção de tais mudanças se deram aliançadas ao advento dessa nova mídia de massa e de consumo que necessitava de técnicas e meios que suportassem quantidades cada vez mais superiores de tiragens diárias.

Acerca dessas mudanças, tanto as ocorridas em 1950 quanto as ocorridas em 1960, podem ser compreendidas enquanto fenômenos ou acontecimentos ligados às compreensões da crescente economia cultural mundial: dentre os conceitos mais influentes na história da comunicação brasileira, a indústria cultural, de Theodor Adorno.

Historiograficamente, a concepção de indústria cultural da *Escola de Frankfurt* influenciara em grande medida dos estudos acerca da comunicação e da imprensa brasileira. Na década de 1970, debates sobre comunicação de massas ganharam destaque no cenário acadêmico brasileiro, envolvendo discussões sobre cultura nacional e a própria definição de cultura.

Segundo Sílvio Camargo (2014, p. 109), inicialmente, as leituras das obras de Walter Benjamin foram associadas ao teatro de Bertolt Brecht, cuja ideia de cultura com um propósito transformador e engajado encontrou seguidores. Benjamin foi relacionado ao campo marxista da arte engajada e resistência ao autoritarismo. Ao mesmo tempo, ele introduziu a questão da relação entre arte e técnica, pouco debatida no Brasil até meados dos anos 1960. Esse debate emergiu no momento da consolidação da indústria cultural no país.

Nesse contexto, Herbert Marcuse e Theodor Adorno também entraram no cenário cultural de formas distintas. Adorno ficou associado ao conceito de indústria cultural, contrastando com algumas das ideias de Benjamin sobre arte, técnica e sociedade. Embora houvesse algumas referências a Benjamin antes de 1968, a divulgação das questões da Escola de Frankfurt no Brasil aumentou com traduções publicadas na Revista *Civilização Brasileira* entre 1965 e 1968. Essa revista serviu como veículo de reflexão para intelectuais de esquerda e desempenhou um papel importante na disseminação das ideias de Benjamin, Marcuse e Adorno no Brasil (CAMARGO, 2014, p. 109).

Para Virginia P. da Silveira Fonseca (2002, p. 126-127), o processo de implantação da indústria cultural no Brasil teve início nos anos 60, contexto marcado por transformações

econômicas, políticas e sociais. Esse processo se desenvolveu a partir de uma série de fatores que envolveram a atuação político-partidária, especialmente durante o governo de Juscelino Kubitschek e posteriormente durante o regime de ditadura militar que se instaurou em 1964.

A indústria cultural, como conceituada por Adorno e Horkheimer, engloba um sistema complexo de empresas e organizações ligadas à produção e distribuição em larga escala de produtos culturais, como jornais, revistas, cinema, televisão, música, literatura e entretenimento em geral. De maneira breve, grande parte desse conceito se baseia na premissa de que a lógica do mercado industrial, que alcançara níveis multinacionais, de certa forma imporá uma consciência cultural à sociedade consumidora de maneira estritamente mecânica.

Mesmo se a planificação do mecanismo por parte daqueles que manipulam os dados da indústria cultural seja imposta em virtude da própria força de uma sociedade que, não obstante toda racionalização, se mantém irracional, essa tendência fatal, passando pelas agências da indústria, transforma-se na intencionalidade astuta da própria indústria. Para o consumidor, não há mais nada a classificar que o esquematismo da produção já não tenha antecipadamente classificado (ADORNO, 2009, p. 9).

Segundo suas vertentes no Brasil, a ideologia desenvolvimentista, que marcou o discurso de Juscelino Kubitschek no final dos anos 1950, desempenhou um papel crucial na consolidação do mercado da mídia cultural, principalmente do que se refere ao conjunto de temas abordados pela imprensa brasileira acerca da política externa nacional. Esse período também viu o surgimento de complexos empresariais relacionados à cultura de comunicação de massa.

Já no decorrer da década de 1960, a indústria cultural brasileira recém-consolidada passa a incorporar, em grandes proporções, as medidas tomadas pelos militares, isso pós-1964. Todavia, vale salientar que, neste período, a indústria de consumo de massa, no contexto brasileiro, passa tanto a ganhar maior proporção nas discussões acadêmicas quanto a ganhar aceleração no mercado interno mediante a publicidade massiva nos jornais, nas rádios e na televisão.

Visto isso, nota-se que a história da imprensa se vê fortemente relacionada a própria história da economia capitalista e suas relações com variados aparatos de poder, principalmente no que diz respeito à esfera política do Estado. Para tanto, embora não seja prudente e verossímil afirmar que a totalidade dos canais midiáticos convergiram aos ideais do Estado entre os anos de 1950 e 1960, é tácita a afirmação de que uma parcela fortemente significativa desses meios de comunicação privados representava essas relações de poder.

Sendo assim, se faz necessário a exploração do tema da história política e econômica desse período como forma de melhor elucidar o cenário capitalista do Brasil, bem como suas peculiaridades e características no que se refere ao contexto da região de Chapecó. Tais afirmações serão a base do capítulo que segue.

3. PROBLEMÁTICAS POLÍTICAS E SOCIAIS DE SANTA CATARINA E DE CHAPECÓ

Dissertar sobre história política e econômica da Fronteira Sul, no que concerne ao recorte temporal deste trabalho, demanda o esforço de correlacionar diversos fenômenos e acontecimentos anteriores e contemporâneos à primeira metade do século XX na região.

Por via introdutória e sumária, acerca do tema “colonização do sudoeste brasileiro” destacam-se quatro momentos. Num primeiro momento, nota-se o processo de ocupação continental por parte dos povos nativos. Em sequência, o período das missões jesuíticas. Ademais, o terceiro momento se dá entre 1881 e 1930, quando se vê a prática de concessão de grandes áreas de terras a empresas estrangeiras para extração de madeira e cultivo de erva-mate, momento esse que também pode ser referido enquanto o período das *Obrages*. Por fim, vemos então a abertura política para o recrudescimento das empresas privadas de colonização (PRIORI, 2012).

Concomitantemente, é necessário realizar uma breve explanação sobre o contexto turbulento envolvendo questões de fronteira entre o Brasil e a Argentina. O governo brasileiro enfrentou diversos embates político-diplomáticos em relação aos Campos de Palmas, porém conseguiu estabelecer sua posse sobre esse território. Conforme Voltolini (2009, p. 32):

Os entraves políticos duraram anos, até que em 1881, o país vizinho Argentina compreendeu que, por direito, suas fronteiras se estendiam até a região de Palmas. O entrave só foi resolvido em 1895, com o arbitramento de Grover Cleveland, então presidente dos Estados Unidos, que deu ganho de causa ao Brasil.

Resolvidas essas desavenças internacionais, os conflitos internos entre Paraná e Santa Catarina perduravam. A questão de Palmas seguiu latente e, após diversos conflitos políticos e dissensos frente ao STF, teve sua resolução no dia 20 de outubro de 1916, com o fechamento do Acordo de Limites.

Ademais, até o início da Era Vargas, a população da região sudoeste do Brasil habitava a área sob o sistema de posse, baseando sua subsistência na agricultura, criação de gado e exploração da erva-mate. No entanto, com o início da colonização privada a partir de 1930, essas comunidades foram desapropriadas de suas terras, o que causou a desestruturação de seu modo de vida tradicional.

3.1. AS RELAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DE SANTA CATARINA E SUAS INFLUÊNCIAS NA REGIÃO DE CHAPECÓ

Durante o período do varguismo, a colonização privada na região sudoeste foi significativamente impulsionada pela 'Marcha para o Oeste'. Esse slogan, predominante na década de 1930, resultou em um novo conjunto de leis e atos administrativos que promoveram a reocupação do oeste através de migrações organizadas por companhias colonizadoras privadas, além de planificar e consolidar novas fronteiras agrícolas.²⁴

Entre as companhias que atuaram em Santa Catarina destacam-se: Colonizadora Irmãos Lunardi; Bertaso, Maia & Cia.; Companhia Colonizadora Sul Brasil; Chapecó-Peperi; Volksverein Kolonization; Colonizadora Barth, Anoni Cia. Ltda.; Construtora & Cia. Colonizadora Oeste Ltda.; Brun, Grando & Cia.; Colonizadora Irmão Heinard; Barth, Benetti & Cia. Ltda.; e Pinho & Terras Ltda. Muitas dessas companhias tinham sede no Rio Grande do Sul. Seus contingentes populacionais eram majoritariamente compostos por migrantes brasileiros descendentes de europeus, principalmente italianos e alemães, preferencialmente brancos, provenientes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (PRIORI, 2012, p. 82).

Na região de Chapecó, esse processo ocorreu principalmente pela atuação da Colonizadora Bertaso, Maia & Cia., que recrutou colonos ítalo-brasileiros do Rio Grande do Sul, muitos dos quais haviam sido expulsos dos minifúndios do estado ou estavam prestes a sê-lo.

Segundo Arlene Renk (2006, p. 40-41), a chegada desses colonizadores trouxe mudanças rápidas, forçando os habitantes locais a se adaptarem ou enfrentarem exclusão, devido à desorganização de seus modos de vida e ao descompasso com as novas estruturas econômicas. A empresa colonizadora, focada no lucro pela venda de terras, escolhia seus compradores e removia ocupantes, privilegiando o direito de propriedade sobre a ocupação e ignorando os posseiros. Os imigrantes ítalo-brasileiros apoiaram a empresa na expulsão dos ocupantes locais, chamados de “intrusos”

Nos primeiros anos de colonização, o uso da força policial para expulsar intrusos era raro. A "limpeza" das áreas, ou a remoção de ocupantes ilegais, era considerada um assunto delicado. Isso limitava a busca por novas terras e forçava os intrusos a migrar para outras regiões.

²⁴ Para fins deste artigo, a área brasileira analisada compreende norte e oeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul.

Portanto, sobre a composição política da região de Chapecó, é válido afirmar que sua formação como empreendimento colonizatório, conforme descrito anteriormente, foi em grande parte influenciada pela administração fundiária das famílias Bertaso e Maia. Além disso, além da gestão de terras entre os interessados, a estrutura política, econômica e social da época estava repleta de elementos coronelistas e autoritários em suas práticas e formas de atuação.

Nos primeiros anos como município, as relações políticas de Chapecó espelhavam o que ocorria em todo o país durante a República Velha, marcada pela influência do coronelismo. O poder municipal era disputado por dois líderes políticos proeminentes, Manoel dos Santos Marinho e Fidêncio Mello.

Devido à dificuldade de comunicação na época, o governo delegava a representação do Estado às colonizadoras privadas. Em troca de terras devolutas cedidas pelo governo, essas empresas assumiam responsabilidades como a abertura de estradas e a construção de escolas e hospitais. Em Chapecó, essa dinâmica política começou em 1919, quando Manoel de Passos Maia, sócio de Ernesto Bertaso na companhia colonizadora mencionada anteriormente, foi nomeado delegado de polícia da cidade pelo governo estadual.

Após a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas à presidência, houve uma mudança na oligarquia dominante em Santa Catarina, com a família Konder-Bornhausen sendo substituída pelos Ramos, de Lages. Nicássio Portella Diniz, da Frente Liberal, foi nomeado prefeito provisório em novembro de 1930. No entanto, a Revolução não conseguiu erradicar o coronelismo, apenas fortaleceu outros coronéis. Em 1932, Alberto Berthier de Almeida assumiu como prefeito de Chapecó, permanecendo no cargo até 1934 e mantendo políticos tradicionais no poder.

De acordo com Gustavo Henrique de Siqueira (2016, p. 47), entre 1931 e 1944, Vargas nomeava militares de fora para ocupar o executivo municipal de Chapecó, visando reduzir a influência das companhias colonizadoras. Para o autor, essa medida contribuiu para estabilizar a política local durante os períodos de instabilidade nacional. No entanto, com o fim do Estado Novo (1937-1945), as colonizadoras privadas recuperaram sua influência devido às políticas centralizadoras de Vargas.

Em 1943, foi criado o Território Federal do Iguaçu (TFI) com o objetivo de proteger as fronteiras durante a Segunda Guerra Mundial e impulsionar a "Marcha para o Oeste". O TFI englobava o oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina, visando reafirmar a presença

nacional na região e controlar o fluxo de estrangeiros. Essa medida foi crucial para manter a integridade territorial e implementar a política centralizadora.

Para Chapecó, a criação do TFI significou a ascensão de uma nova família política na região: a família de colonizadores Bertaso. Serafim Bertaso, engenheiro civil e filho do coronel Ernesto F. Bertaso, foi nomeado prefeito do município pelo então governador do território, João Garcez do Nascimento, em 24 de maio de 1944. Serafim Bertaso nunca tinha ocupado um cargo político antes e seu pai havia sido presidente do Conselho Municipal pelo Partido Republicano Catarinense (PRC) na gestão de José Luiz Maia, em 1927 (sem, todavia, assumir um cargo político-eletivo) [...] a manutenção de pessoas e de parte da Constituição pelo poder central após a redemocratização de 1945 foi uma característica desse período, que compreendeu o fim do Estado Novo, pois a crise política se devia principalmente a eventos internacionais que vitimaram Getúlio Vargas, mas que conservou parte da elite política presente no Estado (SIQUEIRA, 2016, p. 48-49).

Em relação à composição partidária em 1945, durante a redemocratização no Brasil, os principais partidos que participaram das eleições foram o PCB (Partido Comunista Brasileiro), fundado em 1922 e sujeito a perseguições e cassações frequentes. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), fundado em 15 de maio de 1945 com Getúlio Vargas como seu fundador. A UDN (União Democrática Nacional), cujos membros já estavam se organizando como oposição desde o início da década de 1940, mas foi formalmente constituída apenas em 7 de abril de 1945. O PSD (Partido Social Democrata) foi o único partido criado após a restauração da Justiça Eleitoral em junho de 1945. É importante observar que tanto o PTB quanto a UDN operaram brevemente na ilegalidade.

Em uma análise comparativa dos dois primeiros processos eleitorais pós-1945, nota-se que em Chapecó ocorreram coligações entre o PTB e a UDN, uma prática incomum no início do multipartidarismo. Em 1947, essa coligação lançou um candidato à prefeitura municipal, embora não tenha obtido sucesso. Já nas eleições municipais de 1950, a UDN em Chapecó, agora em coligação com o PTB, PRP e PSP, obteve um percentual de votos maior em comparação com 1947. Assim, em 1950, o PSD foi derrotado tanto para o executivo municipal quanto para o estadual.

Além da região oeste do estado, grande parte do Vale do Itajaí também estava representada pelos pessedistas. Apesar do PTB estar conquistando cada vez mais votos da classe trabalhadora em todo o país, as elites regionais pressionavam seus colonos a adotar uma modalidade semelhante ao voto de cabresto, refletindo práticas coronelistas.

Devido às raízes do coronelismo, os municípios com menor população, e conseqüentemente com menores taxas de organização operária, tendiam a apresentar um maior percentual de votos para os partidos ligados aos coronéis, como o PSD e a UDN. Por outro lado, o PTB conseguia um maior percentual de votantes nas regiões com mais de 30 mil habitantes.

Tabela 4: Distribuição de votos por grupos de municípios segundo faixas de população total (1950)

<i>População Total (mil hab.)</i>	PSD	UDN	PSD + UDN	PTB
0 a 10	2,7	2,2	2,5	1,1
11 a 30	41,1	40,5	40,8	27,8
Mais de 30	56,2	57,3	56,6	71
Total	113.851	88.402	202.253	36.547

Fonte: CARREIRÃO, Yan de Souza. **ELEIÇÕES E SISTEMA PARTIDÁRIO EM SANTA CATARINA (1945-79)**. 1988. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988, p. 89. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111881>. Acesso em: 03 maio 2023.

Tabela 5: Distribuição de votos por grupos de municípios segundo faixas de população urbana relativa (1950)

<i>População urbana relativa (%)</i>	PSD	UDN	PSD + UDN	PTB	Total
0 a 15	38,4	31,8	35,5	26,9	34,5
16 a 30	36,1	37,6	36,7	33,2	35,9
Mais de 30	25,5	30,6	27,7	37,9	29,6

Fonte: CARREIRÃO, Yan de Souza. **ELEIÇÕES E SISTEMA PARTIDÁRIO EM SANTA CATARINA (1945-79)**. 1988. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988, p. 91. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111881>. Acesso em: 03 maio 2023.

No entanto, um aspecto contrastante entre a maioria das regiões brasileiras e a região do Oeste Catarinense é o não alinhamento do PSD a certos quadros populistas do PTB. Enquanto no cenário nacional, as elites pessedistas flertavam e adotavam políticas petebistas para conquistar apoio popular e cargos executivos, em Chapecó os pessedistas se declaravam como

inimigos declarados do PTB. Essa rivalidade se intensificou quando os udenistas estabeleceram alianças entre petebistas e outros partidos menores com o objetivo de derrubar a elite colonizadora e pessedista do executivo municipal e estadual na metade do século passado.

No ano de 1950, a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República era aguardada com grande expectativa por seu amplo eleitorado. Os detalhes desse processo revelam as diversas facetas da composição política do Oeste Catarinense, já que o PSD regional passaria a apoiar um candidato diferente do escolhido por seu diretório estadual e nacional.

Focando nas alianças entre PTB e UDN, assim como nas estratégias pessedistas em Santa Catarina, essa dinâmica de alianças provocou várias controvérsias. Os udenistas concordaram com os petebistas em não apresentar candidatura ao Senado, em troca da não apresentação de uma candidatura do PTB ao governo estadual.

Toda essa corrida por alianças e acordos com os petebistas se deveu principalmente à candidatura de Vargas à presidência, pois os partidos estavam cientes de que qualquer aliança ou até mesmo uma simples manifestação de simpatia de Vargas por um determinado candidato, independentemente do partido, garantiria um grande retorno eleitoral. Nesse sentido, o PSD também buscava o apoio do PTB com o mesmo objetivo: eleger um governador e um senador para Santa Catarina.

Além disso, a candidatura de Vargas não apenas demonstrou sua força populista, mas também evidenciou como o varguismo moldava o sistema partidário pós-1945. Grande parte das negociações entre UDN, PR e PSD em busca de um candidato de "coalizão" falharam. Isso levou os partidos a lançarem "candidatos fantoches", que serviriam, em essência, como meros figurantes políticos diante da influência do varguismo e das alianças secretas. Os pessedistas indicaram Cristiano Machado, enquanto os udenistas retaliaram com Eduardo Gomes.

Por outro lado, Getúlio Vargas articulou sua candidatura estrategicamente, buscando alianças sólidas, como as conversas travadas com o governador de São Paulo, Adhemar de Barros. Além disso, ele também buscou apoio em outros estados, adotando uma abordagem pragmática para fortalecer sua candidatura.

No entanto, no cenário catarinense, a aliança entre UDN e PTB foi contrária aos acordos do diretório nacional do PTB, que buscava fortalecer a candidatura de Vargas com o apoio da

elite pessedista. Essa divergência entre os diretórios estadual e nacional causou instabilidade nas negociações políticas locais com a elite colonizadora ligada ao PSD, cujos líderes esperavam apoiar a candidatura de Vargas em troca de apoio ao governo estadual. Essa situação resultou em tensões internas nos partidos, denúncias de ilegalidades eleitorais por parte dos pessedistas e perseguições políticas violentas no interior do estado.

A diferença de 3,3% em favor do candidato trabalhista significou uma vantagem de apenas 9.012 votos em todo o estado. Uma diferença pequena, especialmente se analisados os números por município. Nos dez maiores colégios eleitorais do estado, Vargas venceu em cinco (Florianópolis, Lages, Itajaí, Joinville e Canoinhas), Eduardo Gomes em três (Blumenau, Rio do Sul e Joaçaba) e Cristiano Machado em dois (Chapecó e Tubarão). Se considerados apenas estes votos, Vargas faria 50.835 sufrágios (46%), contra 40.621 (36,8%) de Eduardo Gomes e 18.893 (17,1%) de Cristiano Machado. Em números absolutos, a diferença em favor de Vargas seria de 10.214 votos (ARAUJO, 2013, p. 117).

Em Chapecó, Cristiano Machado venceu as eleições presidenciais de 1950 com 42,6% dos votos. Desde sua incorporação ao estado em 1946, Chapecó contou com a formação de três principais partidos na região: PSD, UDN e PTB, sendo os dois últimos dissidências do primeiro por divergências exclusivamente regionais. Na eleição municipal de 1950, a UDN e o PTB se uniram para lançar José de Miranda Ramos à prefeitura, defendendo a autonomia dos distritos e a reforma agrária, enquanto o PSD, ligado à empresa colonizadora e à elite madeireira, apoiou Cristiano Machado e combateu a candidatura de Vargas à presidência.

Para além da pauta anterior, com base em Carreirão (1988, p. 120-124), há alguns aspectos importantes que podem ser destacados no panorama político geral de Santa Catarina no período democrático pós-1945.

Primeiramente, segundo o autor, observa-se uma forte influência da máquina governamental estadual sobre as eleições legislativas. Em 1947, o PSD obteve a maioria dos votos em 5 das 8 regiões, aumentando para 7 em 1950. No entanto, em 1954 e 1958, quando a UDN controlava o governo estadual, o PSD venceu em apenas 3 regiões, enquanto a UDN triunfou em 5. Nas regiões de Canoinhas, Oeste e Laguna, é claramente visível o declínio do PSD e o crescimento simultâneo da UDN, refletindo a mudança de controle do poder executivo estadual.

Uma segunda constatação diz respeito à intensidade da força pessedista ao longo do tempo. Segundo Carreirão (1988, p. 121), o PSD teve um desempenho melhor em seis das oito regiões, exceto no Litoral de São Francisco do Sul e na Bacia do Itajaí. Dominou

Florianópolis e Campos de Lages, mas declinou de 1947 a 1958 em quatro regiões (Florianópolis, Laguna, Rio do Peixe e Lages). Nas zonas da Bacia do Itajaí, Canoinhas e Oeste, o PSD caiu até 1954, recuperando-se um pouco em 1958, mas ainda abaixo dos níveis de 1947. No Litoral de São Francisco do Sul, manteve uma regularidade estável entre 28% e 31% dos votos.

Além disso, em relação à UDN, o autor afirma que o partido dominou a região do Litoral de São Francisco do Sul e teve hegemonia na Bacia do Itajaí, especialmente em municípios de colonização alemã. Desde a década de 1930, lideranças como a oligarquia Konder-Bornhausen se destacavam na região. A campanha de nacionalização de Nereu Ramos gerou resistência local, beneficiando a UDN e o PRP devido à dificuldade do PSD em penetrar nessas áreas. A UDN declinou no Litoral de São Francisco do Sul, cresceu em Laguna, manteve-se estável em Florianópolis e Lages, e apresentou variação nas demais regiões.

No que diz respeito ao PTB, o partido cresceu em todas as regiões entre as eleições de 1947 e 1958. Comparando apenas essas duas eleições, o PTB triplicou sua votação no Litoral de São Francisco do Sul e em Canoinhas, e duplicou em Laguna e Rio do Peixe, entre outros feitos. Entretanto, atingiu o pico em 1950 (na Bacia do Itajaí, Rio do Peixe e Oeste) ou em 1954 (em Florianópolis e Canoinhas), e decaindo posteriormente.

Ainda, de acordo com Carreirão (1988, p. 122-123), os pequenos partidos ganharam destaque em algumas regiões: PSP teve destaque no Rio do Peixe (1950/1954), em Canoinhas, Florianópolis (1954/1958) e na Zona Oeste nos anos 50; o PDC teve destaque em Canoinhas e na Bacia do Itajaí em 1954, Campos de Lages e na Zona Oeste em 1958; o PL teve destaque em 1958, no Rio do Peixe, com 1% dos votos; o PCB (1947) teve maior margem de votos em Florianópolis (4% do total; 53% da Zona) e em Laguna (20%); o PRP teve destaque na Região Oeste, com percentuais significativos em todas as eleições, na Bacia do Itajaí no início, em Canoinhas (4% em 1947, 1954 e 1958, e 10% em 1950) e no Litoral do São Francisco do Sul (6% e 8%).

No contexto político de Chapecó desde 1945, de acordo com Gustavo Henrique de Siqueira (2016, p.59), pode-se identificar um leve amadurecimento das relações democráticas. Em nível nacional e estadual, o PSD e o PTB formaram a Aliança Social Trabalhista (AST), refletindo os arranjos político-partidários do período. Em contraste, a aliança que garantiu a vitória da oposição em 1950 se desfez durante as eleições de 1955.

Entretanto, os pessedistas de Chapecó não cumpriram os acordos estabelecidos na convenção estadual da aliança. A negociação da Aliança Social Trabalhista (AST), realizada em Florianópolis entre Serafim Bertaso, suplente de deputado federal à época, e Lenoir Vargas Ferreira, então deputado estadual, previa que o diretório municipal do PTB apoiaria os candidatos do PSD ao governo de Santa Catarina, em troca do apoio dos pessedistas aos petebistas na disputa municipal.

Alheio aos acordos firmados em nível estadual e aproveitando a pressão contrária ao acordo exercida pelo madeireiro Arnaldo Mendes (PSD), Serafim Bertaso decidiu lançar o diretor da S.A. Indústria e Comércio (Saic), Plínio Arlindo de Nês, ao cargo de prefeito, ignorando os apelos petebistas. Membro do PSD e amigo próximo da família Bertaso, Plínio de Nês contava com o prestígio da elite política de Chapecó por ser um representante da nova força econômica local, a dos frigoríficos, e por ter a seu lado políticos envolvidos em sua empresa, como os próprios Arnaldo Mendes e Serafim Bertaso (conselheiros fiscais), Luiz Lunardi (PSD, diretor comercial) e João Destri (PSP, à época, suplente de direção). A controversa decisão do diretório local do PSD teve consequências no meio petebista (SIQUEIRA, 2012, p. 60-61).

Posteriormente, a tratativa da Aliança Social Trabalhista (AST) revelou-se benéfica para o PTB, apesar do impasse da aliança em Chapecó. Como resultado, em 1960 e 1965, o PSD apoiou os petebistas João Destri e Sadi José de Marco, respectivamente eleitos em cada uma dessas eleições.

Embora as dinâmicas políticas de Chapecó apresentassem peculiaridades, elas estavam intimamente ligadas à alternância de poder entre as facções oligárquicas de Konder-Bornhausen (UDN) e Ramos (PSD), refletindo uma disputa arraigada. Essa realidade inseria Chapecó nas intrincadas relações políticas do estado, resultando em impactos diretos na cidade e em sua população.

Todavia, as práticas políticas gradualmente abandonaram suas raízes coronelistas de violência. Conforme observado por Siqueira (2012, p. 64), houve uma mudança em direção a uma disputa pela institucionalidade, com foco no controle do poder e dos mecanismos de decisão para beneficiar clãs políticos e empresas, tanto em nível estadual quanto municipal.

Devido a isso, nenhuma gestão estadual conseguiu abalar o controle sobre a Secretaria dos Negócios do Oeste, crucial para centralizar demandas políticas regionais. Sob a liderança de Serafim Bertaso e Plínio Arlindo de Nês, esta pasta era utilizada para nomear pessedistas chapecoenses da sua rede de influência. Dessa forma, a política regional não apenas sofria as consequências da disputa pelo poder, mas também começava a participar desse jogo.

A respeito do cenário político que se delineava após 1964, a Aliança Social Trabalhista (AST) permaneceu ativa até 1965, quando o Ato Institucional nº 2 da ditadura civil-militar extinguiu todos os partidos políticos e instaurou o bipartidarismo. Em Chapecó, a sociedade passou por uma transformação significativa, com uma nova cultura política emergindo entre os comerciantes locais. O poder, outrora concentrado nas mãos de latifundiários e colonizadores, começou a ser disputado por migrantes das camadas médias sul-rio-grandenses (SIQUEIRA, 2012, p. 65).

Com a transformação na dinâmica social, Chapecó ganhou maior visibilidade estadual e passou a lidar com questões relacionadas ao Regime, como a consolidação de uma classe média e o discurso anticomunista. Assim, a nova estrutura social e política de Chapecó refletia as mudanças mais abrangentes ocorrendo no país.

Além disso, abaixo segue um quadro dos principais membros da elite política de Chapecó, fornecendo informações que serão relevantes para este trabalho posteriormente.

Tabela 6: Quadro de membros da elite política chapecoense

Políticos	Origem	Partido	Cargo político	Profissão
Elgydio Lunardi	Veranópolis/RS	PSD	Dep. Estadual	Advogado
Ernesto José de Marco	Bento Gonçalves/RS	PTB	Dep. Federal	Comerciante
Genir José Destri	Joaçaba/SC	PTB	Dep. Estadual	Advogado
Gentil Bellani	Passo Fundo/RS	UDN	Dep. Estadual	Comerciante
João Cândido Linhares	Campos Novos/SC	UDN	Dep. Federal	Advogado
João Valvite Paganella	Vacaria/RS	PSD	Secretário do Oeste	Advogado
José de Miranda Ramos	Lapa/PR	PTB	Dep. Federal/Estadual	Advogado
Lenoir Vargas Ferreira	Tupanciretã/RS	PSD	Dep. Federal/Estadual e Senador	Advogado
Plínio Arlindo de Nês	Encantado/RS	PSD	Dep. Estadual e Secretário do Oeste	Industrial
Serafim Bertaso	Guaporé/RS	PSD	Dep. Estadual e Secretário do Oeste	Engenheiro
Venício Tortato	Joaçaba/SC	PSD	Dep. Estadual	Inspetor escolar

Fonte: SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. OS DONOS DO “CELEIRO DO PROGRESSO”: redes sociais e política (chapecó, 1956-1977). 2016. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 89. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_gustavo_siqueira_completa.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024.

3.2. PRÁTICAS DE IMPRENSA E POLÍTICA NA FRONTEIRA SUL E EM SANTA CATARINA (1930-1960)

A imprensa em Florianópolis teve sua origem com o jornal *O Catharinense*, estabelecido em 28 de julho de 1831 por Jerônimo Coelho, influenciado pelas correntes liberais da Europa e dos Estados Unidos. Durante as três primeiras décadas do século XX, observou-se uma proliferação significativa de periódicos na cidade, em sua maioria associados à política partidária. Um total de 88 títulos distintos circulava na região, embora muitos não tenham conseguido manter-se além das primeiras edições.

De acordo com Maria Margarete Sell da Mata (1996, p. 6-7), durante as primeiras décadas do século XX, o jornal diário popular *O Estado* surgia como um veículo de divulgação de notícias cotidianas da capital catarinense, com breves abordagens sobre questões políticas e uma postura nacionalista. Lançado em 13 de maio de 1915, sua primeira edição, composta por quatro páginas, foi impressa em sua própria oficina localizada na Rua Jerônimo Coelho, nº 8, tornando-se assim um dos jornais mais antigos de Santa Catarina.

Na década de 1920, Victor Konder assumiu a propriedade de *O Estado*, convertendo-o em uma editora. Sob a gestão do professor Altino Flores, o jornal, em sua quarta fase, adotou uma postura pró-governo devido às conexões da família Konder com a administração de Washington Luís. Em 1927, Victor Konder, irmão do governador de Santa Catarina, Adolpho Konder, foi nomeado Ministro da Viação e Obras Públicas. Contudo, com a eclosão da Revolução de 1930, Victor Konder foi exilado junto com outros líderes contrários a Getúlio Vargas, e Altino Flores assumiu a direção do jornal.

Durante o início do Estado Novo, o governo promoveu medidas repressivas contra a imprensa catarinense, incluindo a suspensão do jornal *República*. A gestão desse periódico, ligado ao Partido Republicano Catarinense, foi substituída por uma equipe favorável ao Regime, composta por Oswaldo Mello, Haroldo Callado, Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, João Baptista Pereira e Jairo Callado. Essa mudança teve como objetivo

afastar jornalistas de oposição, destacando o viés político-partidário dos jornais. Conseqüentemente, a nova equipe impôs uma nova linha editorial ao *O Estado*.

Embora isso não tenha acabado com o jornal em questão, segundo Mata (1996, p. 53):

A partir daí, os números seguintes d'**O Estado**, como forma de apoio ao governo interventor, do general Ptolomeu de Assis Brasil, passaram a veicular, em suas colunas, as nomeações do governador civil e militar para cargos públicos na capital e no interior do Estado, dentre eles Prefeitos Municipais, Delegados de Polícia, Secretários de Estado [...] o Jornal deu o seu voto de confiança e prestígio ao novo governo. Como foi aquela homenagem ao lançar uma subscrição popular para a confecção de um quadro com as fotografias de Getúlio Vargas e João Pessoa, que foi doado ao governo estadual e passou a fazer parte do Salão de Honra do Palácio (MATA, 1996, p. 53).

Em resumo, os jornais que continuaram operando durante o Estado Novo foram aqueles que se alinharam e se tornaram instrumentos viáveis para o governo, servindo como veículos de disseminação da ideologia que o Regime buscava implantar no país, promovendo sentimentos patrióticos e de homogeneização.

Certamente, a política partidária da época estava impregnada desses mesmos jargões nacionalistas, especialmente devido à tendência global de fortalecimento do nacionalismo, que foi amplificada pela eclosão da Grande Guerra. Portanto, o getulismo não seria o único movimento a promover ideologias homogeneizantes, podendo ser considerado um meio-termo entre os extremos daquele período.

Com o fim da Era Vargas e a nova configuração democrática-partidária no país e em Santa Catarina, a imprensa recuperou sua liberdade política. Em resumo, os principais jornais catarinenses retomaram sua atividade partidária no período pós-1945. Durante essa fase de redemocratização da estrutura política do estado, os três principais veículos de mídia impressa da capital eram *O Estado*, *A Gazeta* e o *Diário da Tarde*.

No período mencionado, as relações político-partidárias desses jornais se configuravam da seguinte maneira: Adolfo Konder, udenista e sogro de Irineu Bornhausen, candidato ao governo estadual em 1950, era proprietário do *Diário da Tarde*; *A Gazeta* pertencia a Jairo Callado, vereador eleito pelo PSD em 1947; *O Estado* era propriedade do governador eleito em 1947, Aderbal Ramos da Silva, sobrinho de Nereu Ramos, do PSD.

Na sequência dos acontecimentos em Santa Catarina em 1950, em relação à aliança entre PTB e UDN mencionada anteriormente, esses jornais se envolveram em uma das mais acirradas disputas políticas do recém-estabelecido regime no estado. Segundo Araujo (2020,

p. 15), enquanto o PTB considerava a possibilidade de lançar uma candidatura própria ao governo de Santa Catarina, o PSD rapidamente definiu seu candidato, o ex-interventor Udo Deeke. Em junho de 1950, logo após a oficialização da candidatura pessedista, *O Estado* iniciou uma campanha publicitária em prol de Deeke.

De certa forma, a campanha d'*O Estado* buscou associar a imagem do candidato pessedista ao estereótipo populista do trabalhismo varguista, que estava em alta na época. Além disso, é importante ressaltar que grande parte do discurso de oposição ao PTB nas eleições de 1947, especialmente nas campanhas udenistas, utilizou o recurso publicitário de conectar as ideias comunistas ao populismo trabalhista. No entanto, com a participação de Vargas no cenário eleitoral de 1950, esses partidos estavam cientes de que a ampla aprovação popular de Getúlio Vargas neutralizaria qualquer tentativa de influenciar o povo de maneira anticomunista.

Assim, uma das estratégias do PSD contra a UDN em Santa Catarina foi relembrar os argumentos e acusações anticomunistas das campanhas udenistas de 1947. O jornal *O Estado* destacou o esforço da UDN em atrair o eleitorado que apoiava Vargas, apesar de seu discurso notoriamente antitrabalhista. Enquanto isso, enfatizou que o PSD estava comprometido em promover as conquistas sociais dos trabalhadores, ao passo que os membros da UDN estavam agindo, tanto aberta quanto secretamente, para evitar a formalização das demandas populares.

Após o estabelecimento da aliança entre udenistas e trabalhistas mencionada anteriormente, o PSD concentrou-se em denunciar a ilegalidade desse ato. Nas semanas seguintes, houve uma intensificação das acusações mútuas e a divulgação de informações contraditórias nos principais jornais, tanto da situação quanto da oposição. Segundo Araújo (2020, p. 16-17),

O Estado, periódico vinculado ao PSD, trazia um trecho da entrevista de Adolfo Konder, líder da UDN em Santa Catarina, ao jornal *O Globo* em que afirmava que o partido não abandonaria a candidatura de Eduardo Gomes e avisava: “a recomendação dos trabalhistas de apoiarem a candidatura de Irineu Bornhausen não favorecerá a candidatura de Getúlio Vargas como propalam alguns dirigentes do PTB.” [...] depois, *A Gazeta*, também vinculada ao PSD, publicava uma entrevista de Danton Coelho, presidente nacional do PTB. A matéria reiterava que o acordo feito em Santa Catarina não obtivera a autorização do comando nacional e pedia para que os líderes catarinenses, Saulo Ramos e Carlos Gomes de Oliveira, o desfizesse [...]. No dia seguinte, o jornal publicava a união entre PSD e PTB para a eleição municipal de Joinville (Araújo, 2020, p. 16-17).

Ainda Segundo Araújo (2020, p. 17), o principal jornal de oposição, o *Diário da Tarde*, refletia a coalizão de diversos partidos em apoio à candidatura de Irineu Bornhausen. Essa coligação estadual incluía a UDN, PTB, PRP, PSP, PDC e PL, todos unidos contra o PSD liderado por Nereu Ramos. Em resposta às pressões internas e externas para desfazer a aliança entre a UDN e o PTB, o jornal publicou uma carta do candidato ao senado, Carlos Gomes de Oliveira. Nela, o trabalhista afirmava que após decidir não lançar candidato próprio ao governo estadual, o partido estava livre para apoiar qualquer candidato. Como a UDN ofereceu apoio à sua candidatura, bem como à dos outros partidos aliados, o PTB de Santa Catarina decidiu apoiar o candidato udenista.

De fato, para entender o contexto do jornalismo catarinense da época, é importante observar que os jornais brasileiros já vinham, desde 1949, tecendo diversos discursos sobre o retorno de Vargas e suas alianças políticas em todo o Brasil. No entanto, ao contrário do que alguns autores sugerem, muitos desses jornais estavam imersos no partidarismo, embora também publicassem conteúdos artísticos e literários em suas colunas.

Um exemplo marcante desse fenômeno é o jornal *Tribuna da Imprensa*, liderado por Carlos Lacerda e lançado em 27 de dezembro de 1949. Desde o início, o periódico adotou uma linha editorial marcadamente anti-nacionalista e anti-populista, com o objetivo principal de atacar adversários políticos, especialmente o governo de Getúlio Vargas e suas políticas populistas. Outro exemplo é o jornal *Última Hora*, que surgiu da convergência dos interesses pessoais de Samuel Wainer com a necessidade de ampliar o apoio ao novo governo, em contraposição à linha editorial de Lacerda.

Apesar de uma discussão mais aprofundada sobre esse tema estar reservada para o próximo capítulo deste trabalho, é relevante mencionar, preliminarmente, a análise de Ana Paula Goulart Ribeiro (2000, p.30), que argumenta que os anos 1950 não marcaram uma ruptura radical, mas sim um período de consolidação das transformações pelas quais a imprensa vinha passando desde o início do século. Segundo ela:

os anos 50 representaram não um momento de ruptura radical, mas o período de consolidação das transformações por que vinha lentamente passando a imprensa desde o início do século. A reforma do jornalismo foi um processo cumulativo, que incorporou experiências já desenvolvidas, interna e externamente, ao longo de décadas e que, apesar de todas as rupturas, também conservou muitos aspectos da tradição (RIBEIRO, 2000, p. 30).

Embora os anos 1950 não tenham representado uma revolução na forma de fazer jornalismo, em Santa Catarina houve uma significativa expansão do mercado de jornais impressos. Conforme observado por Camilo Buss Araujo (2013, p. 131), enquanto na década de 1940 havia apenas três diários na capital catarinense, esse número saltou para sete durante os anos 1950.

Os anos 1950 são marcados pela expansão do número de periódicos em Florianópolis. Ao final da década anterior, havia três jornais diários. Na década seguinte, Florianópolis chega a ter sete jornais, sendo quatro desses diários. Em 1950, surge o jornal *A Evolução*, dirigido por Telmo V. Ribeiro e Rafael G. Cruz Lima e ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Em 1952, mais dois semanários: *O Tempo*, do médico J. J. Barreto, e *A Verdade*, de Manoel de Menezes. Nos anos seguintes, são lançados *A Semana*, de Juvenal Melchíades de Souza, em 1955, e *Resistência*, dos políticos Paulo Konder Bornhausen, Ruy Hulse e Volney Colaço de Oliveira, em 1956 (Araujo, 2013. p. 131-132).

Na década de 1950, Florianópolis testemunhou um aumento significativo no número de jornais, os quais passaram a se concentrar mais em questões regionais do que em assuntos nacionais e internacionais. Um exemplo dessa mudança é o jornal *A Verdade*, fundado por Manoel de Menezes em 1952, que expressava em seu editorial o compromisso de revelar "a verdade", muitas vezes desconhecida pela maioria. Um exemplo notável foi sua primeira edição, que apresentou uma reportagem denunciando problemas políticos de João Collin, criticando sua gestão como Secretário Estadual de Viação, Obras Públicas e Agricultura e acusando-o de negligenciar o setor agropecuário do interior, prejudicando assim o estado.²⁵

Além disso, esse jornal rapidamente se tornou o semanário mais lido e debatido de Santa Catarina, com seu proprietário, Manoel de Menezes, recém-chegado do Rio de Janeiro, utilizando-o como plataforma para criticar o governo estadual e a elite da capital. Entre as figuras públicas atacadas estava o empresário Charles Edgard Moritz, que foi acusado de ser responsável pelo alto custo do pão na cidade.

O interessante a se observar é que em 1945, Charles Edgard Moritz ocupava a presidência da Associação dos Proprietários de Padarias, e em 1950, foi elogiado pelo *Diário da Tarde* como um empresário dinâmico em Florianópolis, além de participar ativamente de diversas instituições sociais. No entanto, em 22 de agosto de 1950, o *A Verdade* estampou uma manchete acusando Moritz de ser o principal responsável pelo aumento do preço do pão, alegadamente prejudicando os trabalhadores enquanto acumulava capital.²⁶

²⁵ Araujo, 2013, p. 132.

²⁶ Araujo, 2013, p. 134.

Com o passar do tempo, o jornal tornou-se um espaço para denúncias públicas. Essa abordagem estabelecia um vínculo com os cidadãos, alinhando-se ao discurso populista em vigor. Ao abordar temas como inflação e custo de vida, *A Verdade* introduziu uma nova linguagem jornalística na cidade, tornando-se um canal para debater as demandas cotidianas da população. Isso gerou uma maior demanda pela figura do repórter e pela sua investigação jornalística em torno dos assuntos urbanos.

Embora o jornal se posicionasse como "advogado dos interesses do povo", ressaltava que a retórica de direitos e ações de assistência não garantiam automaticamente o reconhecimento dos beneficiários, como faziam os "tubarões". Além disso, destacava a importância da mobilização popular na luta por mudanças, como evidenciado pelas manifestações populares em Florianópolis em 1952, como a dos estudantes contra os preços dos cinemas. Esse discurso estava alinhado ao veiculado pelo jornal petebista *A Evolução* na época.²⁷

No entanto, o jornal *A Verdade* não poupava críticas nem à UDN nem ao PTB, sendo alvo de Menezes ao longo de 1952 e, posteriormente, dos petebistas a partir de 1953. Quando Braz Joaquim Alves decidiu não permitir mais que *A Evolução* imprimisse o jornal, Menezes rapidamente buscou fundos, abrindo uma lista para angariar recursos para comprar uma máquina de impressão e outros materiais necessários. Figuras do pessedismo catarinense, incluindo Charles Edgard Moritz, contribuíram. O Coronel Lopes Vieira, associado ao PSP de Adhemar de Barros, concordou em financiar uma página de propaganda do partido em todas as edições do jornal, embora isso não tenha impedido que o jornal continuasse a criticar o partido posteriormente.²⁸

Menezes consolidou seu jornal como uma voz influente na capital. Os leitores aguardavam ansiosamente cada edição para descobrir qual seria o próximo alvo de suas críticas. O sucesso do jornal atraiu mais receita publicitária, com o PSP sendo um dos principais patrocinadores, apesar de também ser alvo de críticas contundentes. Em uma ironia, o PSP utilizava seu espaço no jornal para alertar contra demagogos, enquanto uma notícia de capa acusava Lopes Vieira de ser contrário aos interesses dos trabalhadores.²⁹

Além do jornal de Menezes, outro evento que provocou mudanças na imprensa catarinense foi a morte de Getúlio Vargas e a maneira como os periódicos do estado

²⁷ Araujo, 2013, p. 145.

²⁸ Araujo, 2013, p. 150.

²⁹ Araujo, 2013, p. 153.

abordaram o assunto. As divergências políticas ultrapassaram as disputas partidárias locais, com o jornal *O Estado*, alinhado ao PSD, interpretando o suicídio de Vargas como um ato de resistência à suposta tirania minoritária. O PSD, o PTB e a UCE emitiram declarações, com o PSD ressaltando a inspiração patriótica de Vargas na fundação do partido, o PTB oferecendo condolências aos trabalhadores e a UCE defendendo a preservação da Constituição Federal contra qualquer ameaça de ditadura militar.

Os jornais *Diário da Tarde* e *A Gazeta* concederam espaço aos líderes udenistas após o suicídio de Vargas. Antonio Carlos Konder Reis destacou as realizações do presidente e a estreita relação da UDN de Santa Catarina com ele, enquanto Paulo Konder Bornhausen sugeriu que Vargas se suicidou para preservar sua honra após ser traído por amigos. A narrativa de que os "falsos amigos" foram responsáveis pela morte de Vargas tornou-se uma estratégia eleitoral, enquanto a ameaça de fechar as rádios caso o proprietário da *Tribuna da Imprensa* visitasse a capital refletia o medo de que ele revelasse os verdadeiros culpados pela situação turbulenta do Brasil.³⁰

É importante destacar que, na década de 1950, o colunismo político ganhou destaque, com a coluna gaúcha "Conta Gotas" do *Diário de Notícias*, em agosto de 1952, despontando como uma das precursoras desse estilo. Assinada pela equipe editorial do jornal, a coluna concentrava-se nas atividades do Legislativo do Rio Grande do Sul, especialmente criticando a atuação do PTB no debate sobre o petróleo.

É notável que, ao longo da década de 1950, os jornais do Sul do Brasil se tornaram verdadeiros palcos da política partidária, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Embora muitas das transformações observadas nos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, conforme discutido no capítulo anterior, não sejam completamente replicadas nas realidades aqui mencionadas, elas têm sua influência parcialmente reconhecida. No entanto, mesmo refletindo ainda as relações político-partidárias do estado, esses jornais gradualmente testemunharam o surgimento de uma cultura de publicidade consumista, um dos principais elementos que pavimentariam o caminho para a nova imprensa que viria a se destacar na década seguinte.

Analisando o jornal *O Estado* como referência, percebe-se que em 1945 os anúncios veiculados em suas páginas adotavam uma abordagem mais contida, sem explicitar de forma exagerada os benefícios dos produtos anunciados. Ilustrações detalhadas eram pouco comuns, e a apresentação visual do jornal seguia uma estrutura relativamente rígida, moldada pelos

³⁰ Araujo, 2013, p. 164.

padrões tipográficos da época. A maioria das ilustrações destacava produtos de higiene, medicamentos e serviços regionais, como exemplificado a seguir.

Figura 7: Publicidade no "O Estado" de 1945

4 **O ESTADO** Sábado, 20 de Outubro de 1945

Lira Tênis Clube — Amanhã, dia 21, tarde dançante horas, quando serão entregues medalhas à equipe juvenil

FILHA! MÃE! AVÓ!
Todas devem usar a

FLUXO-SEDATINA

(OU REGULADOR VIEIRA)
A MULHER EVITARÁ DORES
Alivia as Cólicas Uterinas

Emprega-se com vantagem para combater as irregularidades das funções periódicas das senhoras. É calmante e regulador dessas funções.

FLUXO-SEDATINA, pela sua comprovada eficácia, é muito recetada. Deve ser usada com confiança.

FLUXO SEDATINA encontra-se em toda parte.



Estatística

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA
O DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA efetuará, de 5 a 15 de novembro, por intermédio de seus órgãos municipais, o levantamento de DESEMPREGADOS, em todo o território estadual. Todo desempregado deverá comparecer ao órgão competente, para prestar informações. Em Florianópolis, deve dirigir-se à INSPECTORIA REGIONAL DE ESTATÍSTICA - MUNICIPAL, no Edifício "Dom Joaquim", à rua Padre Miguelinho. No interior, às AGENCIAS MUNICIPAIS DE ESTATÍSTICA, sediadas nas Prefeituras Municipais, ou às INTENDÊNCIAS DISTRITAIS. O DEE solicita a cooperação de todos para esse trabalho; avise às pessoas de seu conhecimento, desempregadas atualmente, para que venham prestar suas informações. Considera-se desempregado todo homem ou mulher, maior de 18 anos, que, necessitando de recursos financeiros, não tem ocupação remunerada, apesar de possuir capacidade e disposição para o trabalho.

Programas de rádio

"EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS"
(Portugues)
SE VOCE GOSTA

Notícias
Ouçá os boletins in que são transmitidos toda hora, e os da Rádio Col a 6ª feira, às 21.30 horas.

Música Sinfônica
Ouçá em sua casa a Orquestra Sinfônica da N dos os domingos, às 20.0

Programas femininos
Sintonize o seu receptor, de 2ª a 6ª feira e gramof de Scivero com abecedios polistras.

Assuntos comerciais
"O Mundo de Amanhã" grama que lhe interessa sábados às 22.35 horas. Conheça os Estados Un

Faça tua viagem in através desse grande país "Conheça os Estados Un é transmitido aos sábado

Teatro
Ouçá um dos melhores castings" no gênero, sintonize "Radio Teatro das Américas" das 4ªs feiras, às 19.3

R. H. BOSCO LTDA.
ITAJAÍ - S. CATARINA

COMISSÁRIOS DE AVARIAS Representações Consignações - Conta Própria Rua Pedro Ferreira, 5 Pavimento 2º CAMARA POSTAL, 117

SEGUROS DE: Transportes Marítimos; Ferrovários, Rodoviários, Aéreos, Cascos, Fogo, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Responsabilidade Civil e Vida.

Endereço Telegráfico "BOSCO"

Aproveite a ocasião!

A ALFAIATARIA BRITO, à rua Tiradentes 17, acaba de receber reduzido número de cortes de LINHO BRANCO IRLANDÊS (Legítimos).
Visite-a hoje mesmo!

Quecam
a voz da experiência

CONTRA FEBRAS
VICIADO DE TABACOS
E MELHORES FORMAS

Brasileiros nos Estados Unidos

Washington (S. I. H. —
Precedentes do mundo financeiro do Brasil, chegaram a Nova York em missões comer-

Ao público

O proprietário do «Novo Hotel», de Angelina, avisa aos seus amigos e clientes, que, a partir do dia 20 do corrente, terá fechado «aquele seu estabelecimento, e agradece a preferência que sempre lhe foi dispensada».

MEMORROID!
Este específico alivia as dores e evita as infecções

A ação benéfica da manzã, especialmente para os casos de hemorroides, é imediata, alivia as dores e os pruridos, acalma e evita as complicações infecciosas das ceratões e varizes hemorroidais. A venda em todas as farmácias em biscoito com canela especial facilita a aplicação.

LIVROS

NOVOS e USADOS
COMPRA e VENDE

O. L. ROSA
RUA DEODORO, 33
FLORIANÓPOLIS

Idiomas português, espanhol, francês.

MAN ZÁ
PARA HEMORROIDES
Um produto De V

MACHADO &
Agências e Representação
Matriz: Florianópolis
Rua João Pinto.

Fonte: O ESTADO. Florianópolis, 20 out. 1945.

Por outro lado, o que se observa nas páginas desse mesmo periódico catarinense pouco mais de dez anos depois é uma espécie de impulso na cultura publicitária na imprensa, acompanhado pelo surgimento de editoriais mais diversificados. Notavelmente, grandes empresas internacionais, com produtos voltados para o consumo em massa, como liquidificadores e pequenos geradores de energia elétrica, desempenharam um papel ativo no desenvolvimento gradual de novas técnicas de impressão e ilustração.

Figura 8: Publicidade de refrigerador no "O Estado" de 1957

Receba-o de braços abertos

Prodocimo

Super-Tropic

REFRIGERADOR ELÉTRICO DOMÉSTICO

95

pt

QUALIDADE LUXO CAPACIDADE por menor preço

O NOVO "PRODOCIMO" Super-Tropic APRESENTA:

- CONDENSADOR "Super-Tropic" Gela melhor! É de projeto novo, muito mais eficiente na produção de gelo, mesmo sob condições climáticas extremas.
- Capacidade: 9,5 pés cúbicos.
- Unidade selada.
- Tratamento com 13 de vidro.
- 3 gavetas plásticas espaçosas.
- Recipiente embutido para o água do degelo.
- 4 Prateleiras removíveis, que permitem um aproveitamento de espaço 30% maior que o comum. Acabamento brilhante em alumínio esmaltado.
- Regulagem nos pés para nivelamento.
- 3 Prateleiras na porta.
- Empurrador horizontal, amplo, com 2 fôrmas unidas de aviator.

GARANTIDO POR 5 ANOS

PRODOCIMO é um refrigerador, que agrada à primeira vista. Suas linhas modernas aliam o estético ao útil e funcional. É luxuoso no acabamento e assim mesmo acessível no preço. O refrigerador PRODOCIMO é amplo com aproveitamento total do espaço, satisfazendo todas as exigências, mesmo de uma família numerosa. A GARANTIA de 5 anos demonstra que este refrigerador merece a sua confiança.

Conheça-o! Será uma amizade duradoura

É UM PRODUTO DA REFRIGERAÇÃO PARANÁ S.A.

CONCESSIONÁRIOS:

LOJAS ELÉTRO — TÉCNICA
Adquirir um Refrigerador "Prodocimo" e pagar-o em suas últimas prestações mensais, nas

LOJAS ELÉTRO — TÉCNICA

Preço Fábrica Cr\$ 29.500,00
Preço Florianópolis Cr\$ 29.500,00
em Florianópolis
Rua Tte. Silveira — 24 e 28
Uma organização de suas ordens.

Fonte: **O ESTADO**. Florianópolis, 10 out. 1957.

Nos anos 1950, o fotojornalismo atingiu seu auge, com novas formas narrativas fotográficas, como fotorreportagens e instantâneos de momentos políticos significativos, ganhando destaque em jornais e revistas nacionais. A valorização dos fotógrafos em revistas ilustradas foi ainda mais evidente. A cultura visual foi profundamente influenciada pela

ascensão da televisão e pelos filmes hollywoodianos em cinemascope. Nesse período o fotojornalismo concentrou-se na mobilização política, abordando temas como a nacionalização do subsolo e a estatização de empresas públicas.

Conforme observado por Charles Monteiro (2012, p. 20), as fotorreportagens em periódicos ilustrados retrataram a transformação urbana de uma espécie de *belle époque*. Estas imagens buscavam construir um discurso de mudança, registrando a nova paisagem urbana, com a demolição de espaços antigos e a criação de áreas modernas voltadas para o consumo. As fotografias tinham o propósito de educar o público, promovendo novos padrões de vida urbana. Vistas como reproduções fiéis da realidade, essas imagens apresentavam os fatos como verdadeiros, informando e entretendo simultaneamente, difundindo uma visão moderna da cidade entre as classes médias.

Em Florianópolis, esse processo destacado por Charles Monteiro pode ser observado, embora em uma escala reduzida. No jornal *O Estado*, as fotografias começaram a ganhar espaço em suas páginas a partir de 1950. No entanto, ao contrário do que se via nos grandes veículos midiáticos da época, especialmente nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, essas fotografias não eram abundantes. A maioria das edições continha de três a cinco fotografias impressas, principalmente nas capas, como pode ser visto em uma das edições de janeiro de 1959, conforme exemplificado a seguir.³¹

³¹ Vale destacar que haviam fotografias em edições dos anos 1940 n' *O Estado*. Entretanto, as novas técnicas de impressão da década seguinte seriam cruciais para que fosse financeiramente e logisticamente possível a

Figura 9: Fotografias no jornal "O Estado" em 1959



Fonte: O ESTADO. Florianópolis, 16 jan. 1959.

Além disso, é importante ressaltar que havia fotografias em edições anteriores a 1950 no jornal *O Estado*. No entanto, as novas técnicas editoriais e tipográficas adotadas pelos jornais durante as décadas de 1940 e 1950 possibilitaram a inclusão de um maior número de fotografias em cada edição.

Na região de Chapecó, os jornais também incorporavam a impressão de fotografias em suas páginas. No entanto, as práticas do *A Voz de Chapecó*, embora compartilhassem semelhanças com as do *O Estado* da capital, tinham peculiaridades próprias. Essa análise será abordada no próximo capítulo, onde todas as situações levantadas até aqui serão discutidas no contexto específico da região em foco neste trabalho.

4. JORNALISMO NA FRONTEIRA SUL E AS NOVAS PRÁTICAS DE IMPRENSA DA DÉCADA DE 1950

No contexto da região de Chapecó, conforme apontado por Mônica Hass (2000, p. 189), o controle da imprensa pelos partidos era considerado uma peça crucial no jogo político. Nas eleições que antecederam 1950, os principais protagonistas políticos no jornalismo impresso eram o *A Voz de Chapecó* e o *Jornal d'Oeste*.

Entre esses jornais, o *Jornal d'Oeste* teve a menor duração. Fundado apenas três meses antes das eleições de 1947, em 23 de agosto do mesmo ano, o jornal tinha como diretor Otávio Celso Rauen e como redator Jacy Bernardes, ambos vinculados ao diretório regional da UDN.

O *Jornal d'Oeste* prometia fiscalizar a elite colonizadora no governo local, dado que a maioria dos membros do legislativo e executivo municipal era composta por pessedistas eleitos. Como resultado das práticas coronelistas desses membros do PSD regional, os integrantes do jornal udenista enfrentavam intensa pressão moral e perseguições políticas diárias (HASS, 2000, p. 192).

Embora a maioria dos membros da elite local fosse adepta ou simpatizante do pessedismo, o que incluía tanto os cidadãos ligados ao comércio madeireiro quanto os ocupantes de cargos indicados pelo Executivo, como o delegado de polícia, algumas figuras se destacavam desse padrão. Com o surgimento desses pequenos jornais interioranos durante o período de redemocratização após a Era Vargas, emergiu uma elite em ascensão que incluía parte dos burocratas da máquina estatal e os serviços que dela se originavam.

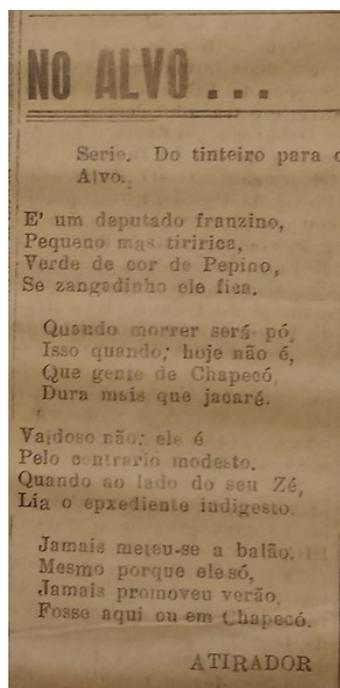
No *Jornal d'Oeste*, nesse mesmo período, nota-se uma maior circulação de artigos e poeminhas de cidadãos dessa elite em ascensão. Por exemplo, numa de suas edições³², figura dentre suas páginas um poema com o título de ‘Calúnia’, de autoria de Altamiro Pereira da Cruz. Segundo a Lei Municipal de Chapecó nº 2.656, de 3 de setembro de 1985³³, Cruz era um advogado e professor. Também, atuava na região, vide processo datado de 16 de setembro de 1952 na Comarca da região³⁴. Segue outro exemplo da circulação de poemas locais no jornal em figura abaixo.

³² CRUZ, Altamiro Pereira da. Calúnia. **JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 24 jul. 1948.

³³ PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ (Município). **Dispõe Sobre A Denominação de Vias, Logradouros, Monumentos Públicos e Cursos D'água do Município de Chapecó, e Dá Outras Providências**. Chapecó, SC, 3 set. 1985.

³⁴ CEOM, 1952.

Figura 10: Poema "No alvo", de Atirador, *Jornal d'Oeste*



Fonte: ATIRADOR. No alvo. **JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 17 jul. 1948.³⁵

A figura acima exemplifica uma coluna poética do jornal nos finais dos anos 1940 e início dos anos 1950. Intitulada 'No Alvo', essa seção caracterizava-se pela publicação de pequenos poemas e textos satíricos que criticavam de forma direta a elite possedista local. Esses versos e textos frequentemente alfinetavam a política partidária da região.

Além disso, como discutido no primeiro capítulo desta dissertação, na região de Chapecó, durante esse período, alguns jornais de circulação regional começaram a incorporar conteúdos literários. Anteriormente, muitos desses periódicos não contavam com uma coluna dedicada à literatura antes da década de 1950.

Em escala nacional, conforme destacado por intelectuais da imprensa da época, como Heráclio Sales, essas mudanças foram impulsionadas por transformações mercadológicas que tornaram a imprensa brasileira cada vez mais semelhante a uma indústria editorial.

³⁵ "NO ALVO.../ Serie: Do tinteiro para o Alvo./ É um deputado franzino,/ Pequeno mas tiririca,/ Verde de cor de Pepino,/ Se zangadinho ele fica./ Quando morrer será pó,/ Isso quando, hoje não é/ Que gente de Chapecó,/ Dura mais que jacaré./ Vaidoso não, ele é/ Pelo contrario modesto./ Quando ao lado do seu Zé,/ Lia o expediente indigesto./ Jamais meteu-se a balão./ Mesmo porque ele só,/ Jamais promoveu verão,/ Fosse aqui ou em Chapecó./ ATIRADOR"

Apesar dos desafios enfrentados pelos grandes jornais na década de 1950 entre a publicação literária e a veiculação de conteúdos artísticos, os suplementos literários contribuíram para a formação de redes de sociabilidade intelectual. Em locais como cafés, clubes, revistas literárias e editoras vanguardistas, grupos de amigos, frequentemente originários da mesma região, exerciam influências, manifestavam antagonismos e rivalidades, além de ocorrerem cisões.

Na região de Chapecó nos anos 1950, observa-se um movimento poético espontâneo e modesto que se desenvolvia próximo ao jornalismo e ao partidarismo. Além das páginas dos jornais, mas intimamente ligado ao ambiente periódico local, encontramos exemplos de poemas distribuídos em formatos como livretos de cordel ou pajadas. Estes versos eram compostos por habitantes da cidade e recitados em eventos públicos nos meios rurais de Chapecó.

Como exemplo, temos o poema *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*, escrito por Vicente Morelatto, um professor primário e residente na cidade. Neste poema, Morelatto, então professor da Escola Mista Municipal Desdobrada de Linha Bento Gonçalves, compôs uma extensa obra em sextilhas, criticando severamente a elite pessedista local pelo linchamento que ocorreu três anos antes da sua publicação, em 1950.

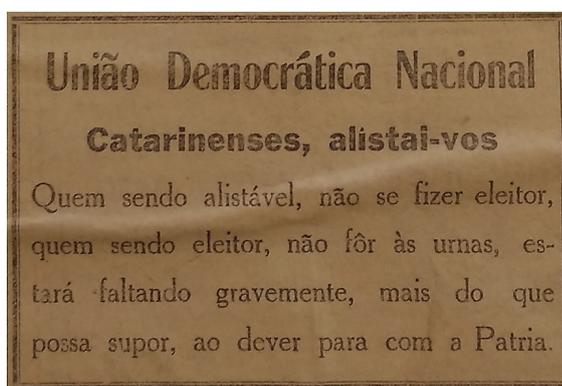
Não explorando o tema do linchamento, a produção poética de Vicente Morelatto exemplifica como a cultura escrita e a criação poética urbana contribuíam para a construção política em Chapecó nos anos 1950. Além disso, é importante destacar que Morelatto era filiado ao PTB e faleceu pouco tempo após a publicação de seu livreto. Nele, mencionou diversos cidadãos, incluindo o advogado udenista Roberto Machado, mencionado anteriormente e que será abordado novamente mais adiante.³⁶

Retornando ao *Jornal d'Oeste*, a “série” ou coluna poética ‘No alvo’ citada anteriormente demonstra que a composição poética local dos anos 1950 refletia os movimentos de tensão entre as classes partidárias de Chapecó.

³⁶ O presente tema constitui uma pesquisa anterior que, posteriormente, se tornou trabalho de conclusão de curso: SANTANA, Thiago Cinti Bassoni. **Cultura escrita e história intelectual: o caso de Vicente Morelatto e o poema do linchamento de 1950**. 2018. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2896>. Acesso em: 5 jun. 2024.

Para além da poesia, no mesmo jornal, já em 1947, observa-se um discurso contundente de união entre todos os partidos com representação local para derrotar o PSD no âmbito municipal. O jornal enfatizava a importância do apoio do PTB aos candidatos udenistas locais. Em uma edição específica, é vinculada a carta de um membro do PTB declarando apoio aos udenistas e expressando seus “sinceros pêsames” ao PSD.³⁷ Ademais, a maioria das edições do jornal trazia convites de filiação partidária aos leitores, como o recorte a seguir.

Figura 11: Propaganda do diretório regional da UDN, *Jornal d'Oeste*



Fonte: **JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 6 set. 1947.³⁸

Conforme discutido no capítulo anterior, o discurso nacionalista não se limitava a um único partido, mas era adotado pela grande maioria deles como um tema central. Da mesma forma, os jornais chapecoenses participavam desse jogo retórico. O *Jornal d'Oeste* destacava seu apoio aos EUA na Guerra Fria e, de certa forma, seguia as tendências do anticomunismo que permeavam os espaços político-partidários do país.

Além disso, em sua atividade político-partidária, o próprio Diretor Responsável do jornal, o médico Otavio Celso Rauen, foi candidato à Câmara Municipal em 1947. Entre os outros candidatos estava José de Miranda Ramos, advogado e petebista, que seria eleito

³⁷ UM PETEBISTA. **JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 15 nov. 1947.

³⁸ “UNião Democrática Nacional/ Catarinenses, alistai-vos/ Quem sendo alistável, não se fizer eleitor, quem sendo eleitor, não fôr às urnas, estará faltando gravemente, mais do que possa supor, ao dever para com a Patria”.

prefeito nas eleições de 1950 em Chapecó. De acordo com Mônica Hass (2000, p. 229), Ramos presidia o diretório regional do PTB e estabeleceu residência em Chapecó em 1946. O jornal destacava na capa os nomes dos candidatos da legenda udenista.

Dentre esses udenistas, havia Roberto Machado, advogado e escritor que na época assinou diversos artigos nos jornais regionais. O independente *Jornal do Povo* era um dos quais Machado mais mantinha relações. Machado era um nítido crítico às políticas públicas pessedistas, afirmando isso não apenas por seu alinhamento à UDN, mas também pelo teor de seus artigos. Numa ocasião, rebate um integrante do PSD (Machado, 1951a, p. 2), noutra, critica abertamente políticas de assistência às crianças moradoras de rua (MACHADO, 1951b, p. 2).

As divergências partidárias locais alimentavam o debate jornalístico em Chapecó nos anos 1950. A maioria dos apoiadores da UDN e do PTB se opunha aos Bertaso, que representavam o PSD e a elite chapecoense. Essas discordâncias eram evidentes tanto nos jornais, através dos textos de figuras como Roberto Machado, quanto nas áreas rurais, por meio de performances orais como as de Vicente Morelatto (HASS, 2013, p. 50).

Textos de Roberto Machado também foram publicados no jornal *O Imparcial*, que entrou em circulação no dia 25 de fevereiro de 1951. O periódico tinha como diretor responsável o deputado estadual petebista Paulo Marques e como tipógrafo, diretor e proprietário, o udenista Alexandre Tiezerini. Aqui, o jovem advogado Roberto Machado causou ainda mais polêmica, principalmente com seu artigo intitulado ‘Amigos da Onça’, que atacava o vereador Serafim Enoss Bertaso em diversos pontos de sua atuação no cargo (HASS, 2000, p. 253).

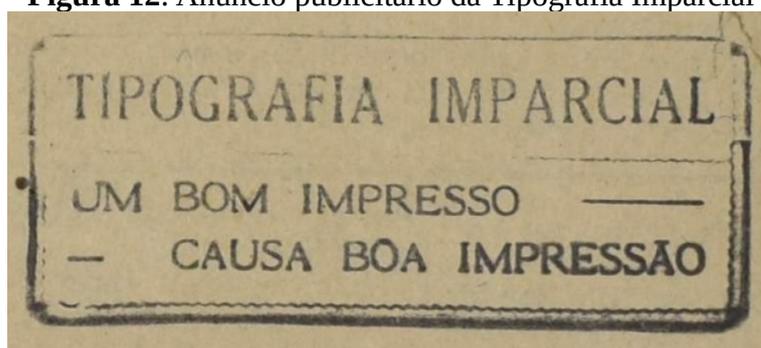
O jornal *O Imparcial*, além de não se dedicar predominantemente a questões políticas, era esteticamente um dos periódicos menos ricamente produzidos. Raramente apresentava fotografias ou ilustrações realistas em suas edições. Ao contrário do jornal mais circulado em Chapecó nos anos 1950, *A Voz de Chapecó*, essa característica não se alterou ao longo dos anos. Em resumo, politicamente, *O Imparcial* representava a coalizão partidária formada pelos partidos de oposição ao PSD. Nele, eram veiculados anúncios tanto do diretório regional do PTB quanto da UDN.

Além disso, o editorial do *O Imparcial* valorizava a diversidade de informações em suas páginas. Apesar do partidarismo predominante ao longo da década de 1950, o jornal também incluía notícias sobre o Clube Recreativo Chapecoense e os resultados das rodadas dos

campeonatos estaduais de futebol. Além disso, reportava sobre os cidadãos locais detidos pela polícia durante a semana.

No entanto, apesar de ser o jornal com menos recursos visuais da região, conforme os disponíveis no acervo do Centro de Memória do Oeste, *O Imparcial* abre espaço para reflexões sobre o mercado tipográfico e sua influência no surgimento das empresas jornalísticas em Chapecó nos anos 1950. Em grande parte de suas edições, o jornal promove seus serviços de impressão, sugerindo que, além da atividade jornalística subsidiada pelo partidarismo local, o jornalismo chapecoense estava caminhando para uma maior autonomia econômica, adotando uma abordagem empresarial no jornalismo.

Figura 12: Anúncio publicitário da Tipografia Imparcial



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 8 dez. 1957, p. 2.

Essa hipótese ganha sustentação não apenas pelo argumento anterior, mas também pelo subtítulo do jornal *O Imparcial*, que se proclama um “jornal independente”, e pela regularidade com que veiculava sua tabela de preços e condições de assinatura em grande parte de suas edições, como exemplificado na figura seguir.

Figura 13: Assinaturas e valores do jornal *O Imparcial*



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 22 nov. 1953, p. 3.

Sobre esses valores, é importante destacar que até nesse aspecto parece haver rivalidade, uma vez que os valores eram os mesmos. Em 1953, tanto a assinatura anual do *A voz de Chapecó* quanto do *O Imparcial* eram cinquenta cruzeiros. Também em 1953, ambos os jornais eram dominicais e a média de anúncios publicitários nos jornais era de 26 por edição.

Ao longo de 1957, não houve uma grande diferença na quantidade de publicidades veiculadas nos periódicos de Chapecó, porém, percebe-se uma mudança na qualidade da elaboração dos anúncios. Com as transformações ocorridas durante as décadas de 1940 e 1950, a cultura do consumo gradualmente passou a dominar as páginas dos jornais. Em *O Imparcial*, observa-se que, de 1950 a 1957, a quantidade de ilustrações publicitárias aumentou significativamente, multiplicando-se, em média, por seis vezes por edição.

Além da mudança quantitativa, os anúncios publicitários do final dos anos 1950 não apenas apresentavam os produtos comuns do final do século XIX e da primeira metade do século XX, mas também os itens de consumo introduzidos pela indústria cultural, um conceito explorado no primeiro capítulo. Um exemplo claro desses produtos são os anúncios da lavandaria automática Bendix Economat n' *O Imparcial* em 1957, conforme demonstrado na figura 14. Este anúncio ocupava aproximadamente 50% da página, evidenciando a intensidade das campanhas publicitárias desses produtos já na década de 1950, mesmo em regiões interioranas.

Figura 14: Propaganda da lavanderia automática Bendix no jornal *O Imparcial*

Assim
Você
acaba com
a roupa...

...e assim
com sua
preciosa
saúde

Resolva
por completo
o problema de
lavar roupa
com a
BENDIX
Economat
A mais moderna
lavadeira
automática
do mundo

**BENDIX trabalha sozinha
basta ligar!**

O melhor plano
de pagamento
Consulte a ca-
sa nesta
Cidade

BENDIX a controla
a economia doméstica em
mais de 2.500.000 lares
em todo o mundo

Assim em uma loja a uma demonstração da Bendix
formada para demonstrar

Força e Luz de Chapecó S/A

Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 22 nov. 1953, p. 3.

É interessante observar como as publicidades do final dos anos 1950 mudaram em termos de aparência e argumentação em comparação com os anúncios do final dos anos 1940. Segundo Jefferson José Queler (2013, p. 112), nos anos 1950, no Brasil, estava em curso o desenvolvimento de uma economia moderna, adotando padrões de produção e consumo similares aos dos países desenvolvidos, como discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Produtos como eletrodomésticos, vestuário feminino, cosméticos e automóveis tornaram-se mais comuns nesse período.

Num contexto em que a produção dos setores de ponta assenta-se na diversificação das mercadorias e cujo mercado é numericamente estreito, a publicidade torna-se uma peça fundamental, inerente ao planejamento das grandes empresas. Evidentemente, o seu grau na reprodução é o mesmo, quer seja nos países centrais ou periféricos. Não obstante, é preciso muito

mais esforço para convencer poucos a consumir mais do que induzir muitos a comprar bastante (ARRUDA, 2004, p. 141-142)

Essa cultura de consumo emergente na década de 1950 consequentemente pavimentou o caminho para o surgimento da mídia de massas nos anos 1960. No entanto, já na segunda metade dos anos 1950, os jornais começaram a veicular anúncios publicitários nesse contexto. Conforme as figuras a seguir ilustram: a primeira demonstra como eram anunciados produtos voltados para o público feminino no final da década de 1940; a segunda mostra a mesma segmentação de produtos, mas já no final da década de 1950, ambos em Chapecó.

Figura 15: Publicidade de 1949: *Artigos para senhoras*



Fonte: A VOZ DE CHAPECÓ. Chapecó, 29 mai. 1949, p. 2.

Figura 16: Publicidade de 1957: *Lingerie Valisère*



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 8 dez. 1957, p. 3.³⁹

De certa forma, o surgimento de produtos voltados à feminilidade reflete os chamados “Anos Dourados”. No entanto, apesar do aumento na veiculação desse tipo de publicidade, a distinção entre os papéis femininos e masculinos continuava similar aos anos anteriores. O que se observa é que, com o desenvolvimento da economia de consumo em massa, surge um novo meio de comunicação publicitária.

Para Jean Baudrillard (2014, p. 161-162), a publicidade, que eclode na “sociedade de consumo”, está intimamente ligada ao fenômeno globalizador e totalizante de sua linguagem na cultura do consumo. Isso significa que o discurso publicitário emergente nos anos 1950 não se limita mais à simples promoção de produtos ou marcas; ele se torna parte do processo de internalização das lógicas do consumo, transformando-se em um objeto de consumo por si mesmo e exercendo um certo fascínio.

³⁹ "*Contato que é uma carícia.../ LINGERIE/ Valisère*"

Os slogans como "Contato que é uma carícia" da Figura 17 e "Assim você acaba com a roupa [...] e assim com sua preciosa saúde" da Figura 15 evidenciam como a feminilidade e a exploração dessa linguagem publicitária, dentro das dinâmicas ascendentes do consumo, apontam para o surgimento da mídia de massa, mesmo quando veiculados em pequenos jornais do interior. Apesar de terem uma circulação modesta, esses periódicos buscavam modernizar-se no âmbito midiático. Mesmo em regiões menores como a de Chapecó, buscavam estabelecer-se como empreendimentos autônomos, ainda que mantivessem vínculos com seus contextos partidários.

Retomando o tema político-partidário, se de um lado há *O Imparcial* como um dos precursores de publicações combativas às políticas pessedistas em Chapecó, de outro observamos os pessedistas tencionando esses conflitos noutro jornal. Por exemplo, a crítica de Machado ao vereador Serafim Enoss Bertaso no artigo 'Amigos da Onça', como citado anteriormente, surtiu efeito de comoção entre os pessedistas chapecoenses, que redigiram um abaixo-assinado em solidariedade ao político: foi publicado no *A Voz de Chapecó* (Hass, 2000, p. 253).

Pode-se dizer que o PSD chapecoense tinha seu equivalente ao que era *O Imparcial* à oposição. O jornal *A Voz de Chapecó* servia-lhe como meio de sublimar sua hegemonia regional e sua dignidade cultural. Por vezes, o jornal apresentava manchetes vistosas, coisa que demandava grandes investimentos tipográficos, isso vezes somados à elaboração de capas com fotografias já no final dos anos 1940. Em suma, *A voz de Chapecó* era o jornal mais antigo do período, circulando também durante o Estado Novo.

No *A Voz de Chapecó*, também se percebe uma valorização do aspecto poético nos "Anos Dourados". No final dos anos 1940 e início dos anos 1950, os jornais na região de Chapecó passaram por uma transformação significativa. Poemas simbolistas, como os de Leôncio Correia e até mesmo de Antero de Quental, não mais ocupavam as páginas dos periódicos. É evidente que a voz poética na imprensa começou a ser incorporada pelos cidadãos e intelectuais locais, ainda que utilizando uma linguagem muito próxima daquela dos movimentos simbolistas do Sul do Brasil.⁴⁰

⁴⁰ É importante destacar que o simbolismo brasileiro dominou uma grande parte do movimento poético no Paraná no final do século XIX e início do XX (CAROLLO, 1971). Em Santa Catarina, essa influência também se fez sentir em figuras como o poeta Cruz e Sousa (1861-1898) no final do século XIX e Juvêncio de Araújo Figueiredo, com sua obra "Praias de Minha Terra", publicada em Florianópolis em 1927. No Rio Grande do Sul, essa corrente literária se refletiu em obras como "Via Sacra" (1902) de Marcelo Gama (1878-1915), um dos principais representantes do simbolismo gaúcho (AMARAL, 2010, p. 19). O simbolismo constituía uma parte significativa da cultura poética do sul do Brasil, tornando sua influência quase inevitável.

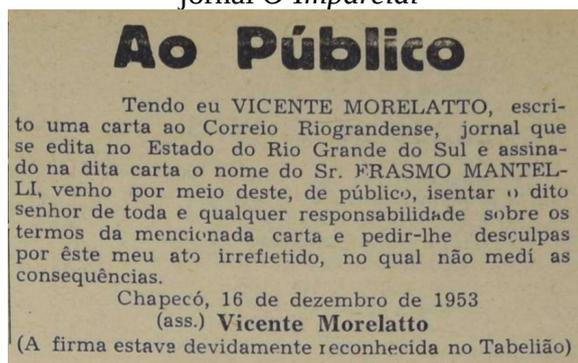
Sobre o conceito de intelectualidade apresentado aqui, conforme expresso pelo renomado Edward Shils, trata-se de indivíduos “dotados de sensibilidade incomum” (SHILS apud SAID, 2005, p. 46) que atuam em diferentes espaços por meio do questionamento das normas estabelecidas, buscando tanto agregar prestígio quanto afirmar sua própria existência humana (SAID, 2006, p. 47).

A partir desse conceito de intelectualidade, percebe-se que na Chapecó dos anos 1950 havia intelectuais atuantes tanto nas áreas urbanas quanto rurais, presentes nos jornais, folhetos de cordel, na oralidade e na escrita. Além disso, é evidente que na mesma região onde circulavam indivíduos ligados ou afinados com as nuances simbolistas nos jornais, também havia figuras como Vicente Morelatto, que questionavam essas formas estabelecidas e criavam seus próprios espaços de atuação na sociedade.

Os meios de comunicação da Chapecó na década de 1950 se entrelaçavam tanto entre diferentes poetas e autores quanto com outros meios de comunicação da época. Isso revela que a prática poética regional estava profundamente ligada à vida intelectual da região. Enquanto alguns indivíduos participavam ativamente da vida pública em clubes sociais ligados à elite chapecoense, outros, socialmente marginalizados ou negligenciados, também compartilhavam dessa esfera pública representada pelos jornais, de uma maneira que transcendia essas divisões sociais.

Um exemplo disso pode ser observado na publicação de uma nota escrita por Vicente Morelatto no jornal *O Imparcial*, onde ele procurou esclarecer publicamente uma situação embaraçosa. Parece que Morelatto havia escrito originalmente para o *Correio Riograndense*, o que resultou em mal-entendidos, levando-o a redigir uma nota de retratação por ter erroneamente incluído a assinatura de outra pessoa na carta em questão.

Figura 17: Nota pública de Vicente Morelatto no jornal *O Imparcial*



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 20 dez. 1953, p. 1.⁴¹

Retomando a questão econômica dos jornais chapecoenses, embora não tenha sido possível encontrar edições do *A voz de Chapecó* e do *Jornal do povo* datados da segunda metade dos anos 1950, no *O Imparcial* nota-se que a redação, para além dos serviços tipográficos anteriormente citados, intentava comercializar outros produtos. Em 1958, anunciava-se em suas edições a venda, por parte do jornal, do *Almanaque do Pensamento* de 1959, o tradicional anuário brasileiro⁴², bem como da revista *O Cruzeiro*⁴³. Também, numa edição posterior do jornal, nota-se que havia a comercialização de selos fiscais na Tipografia Imparcial⁴⁴.

Em 1959, o jornal reduziu significativamente a quantidade de matérias político-partidárias, dedicando maior espaço a anúncios publicitários de joalherias locais, comércio de automóveis, venda de imóveis, oportunidades de emprego, assuntos administrativos da Prefeitura Municipal, artigos sobre saúde e beleza, entre outros temas. Em contraste, em 1952, *O Imparcial* costumava publicar em média quatro artigos de opinião político-partidária por edição semanal, enquanto que em 1959, algumas edições não apresentavam nenhum artigo dessa natureza.

Outra faceta da empresarização do jornal *O Imparcial* se dá na observação de que nas edições anteriores a meados de 1958, havia a vinculação do jornal ao cargo de “Diretor Proprietário”, Alexandre Tiezerini, com exceção de curtos períodos que em que surgia um outro “Diretor Responsável”⁴⁵ ou qualquer outra nomenclatura junta a de Alexandre Tiezerini. Todavia, em finais de 1958, surge os cargos de “Diretores Gerentes” do negócio, anexando Rui Tiezerini e Florenal Omar Tiezerini ao empreendimento⁴⁶.

Além disso, um aspecto que reforça ainda mais a transição para a empresarização do *O Imparcial* é que, na mesma edição em que os novos cargos de gerência são anunciados pela primeira vez, há também a primeira veiculação de um comunicado destinado a todos os

⁴¹ “Ao Público/ Tendo eu VICENTE MORELATTO, escrito uma carta ao Correio Riograndense, jornal que se edita no Estado do Rio Grande do Sul e assinado na dita carta o nome do Sr. ERASMO MANTELLI, venho por meio deste, de público, idantar o dito senhor de toda e qualquer responsabilidade sobre os termos da mencionada carta e pedir-lhe desculpas por êste meu ato irrefletido, no qual não medí as consequências./ Chapecó, 16 de dezembro de 1953/ (ass.) Vicente Morelatto/ (A firma estava devidamente reconhecida no Tabelião)”

⁴² **O IMPARCIAL**. Chapecó, 7 dez. 1958, p. 3.

⁴³ **O IMPARCIAL**. Chapecó, 9 mar. 1958, p. 3.

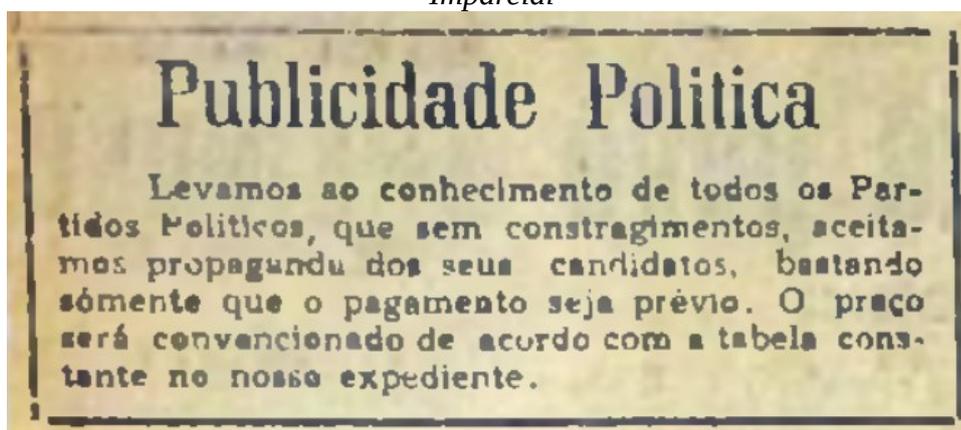
⁴⁴ **O IMPARCIAL**. Chapecó, 7 dez. 1958, n. 372, p. 1.

⁴⁵ **O IMPARCIAL**. Chapecó, 20 jan. 1952, p. 1.

⁴⁶ **O IMPARCIAL**. Chapecó, 3 ago. 1958, p. 1.

partidos políticos interessados em anunciar no jornal. Isso indica claramente que, com a entrada dos novos gestores, o jornal passa a adotar uma abordagem mais empresarial, afastando-se da sua função original de representar explicitamente a oposição ao PSD chapecoense.

Figura 18: Oferta de veiculação de publicidade política no jornal *O Imparcial*



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 3 ago. 1958, p. 3.⁴⁷

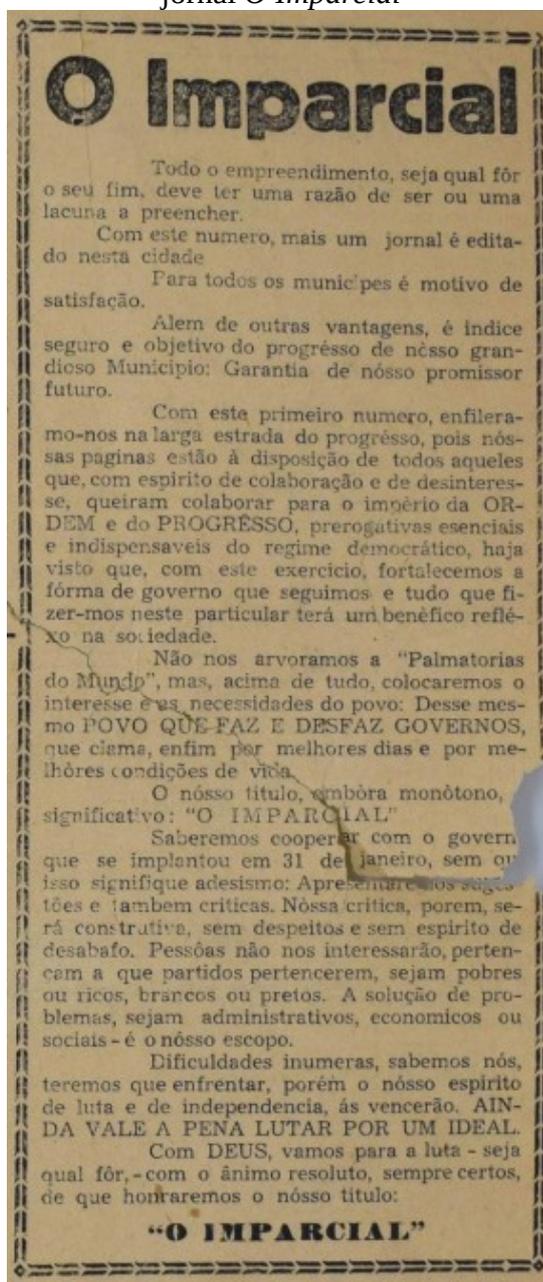
Com isso, pode-se levantar a hipótese de que o jornal *O Imparcial* reflete também a emergência da nova mídia jornalística nos anos 1950. Conforme discutido no primeiro capítulo deste trabalho, o jornalismo passou por diversas transformações significativas, incluindo a “industrialização da cultura” dentro do jornalismo, que envolveu a introdução de estratégias de marketing e novos conceitos de publicidade para seu público leitor. Essa mudança estrutural é evidenciada pela alteração na relação entre a imprensa e o partidarismo.

Embora o jornal *O Imparcial*, em sua primeira edição, já houvesse destacado o argumento discursivo de que era um “jornal independente”⁴⁸, nessa mesma edição deixa transparecer seu cunho político na nota editorial de inauguração do jornal, conforme figura a seguir.

⁴⁷ “Publicidade Política/ Levamos ao conhecimento de todos os Partidos Políticos, que sem constrangimentos, aceitamos propaganda dos seus candidatos, bastando somente que o pagamento seja prévio. O preço será convencionado de acordo com a tabela constante no nosso expediente”.

⁴⁸ **O IMPARCIAL**. Chapecó, 25 fev. 1951, p. 1.

Figura 19: Nota editorial de inauguração do jornal *O Imparcial*



Fonte: **O IMPARCIAL**. Chapecó, 25 fev. 1951, p. 1.⁴⁹

⁴⁹ "O Imparcial/ Todo o empreendimento, seja qual fôr o seu fim, deve ter uma razão de ser ou uma lacuna a preencher./ Com este numero, mais um jornal é editado nesta cidade./ Para todos os municipes é motivo de satisfação./ Além de outras vantagens, é indice seguro e objetivo do progresso de n'osso grandioso Município: Garantia de n'osso promissor futuro./ Com este primeiro numero, enfileiramo-nos na larga estrada do progresso, pois n'ossas paginas estão à disposição de todos aqueles que, com espirito de colaboração e de desinteresse, queiram colaborar para o imp'rio da ORDEM e do PROGRESSO, prerogativas essenciaes e indispensaveis do regime democrático, haja visto que, com este exercicio, fortalecemos a fôrma de governo que seguimos e tudo que fizermos neste particular terá uma benéfico reflêxo na sociedade./ Não nos arvoramos a 'Palmatoria do Mundo', mas, acima de tudo, colocaremos o interesse e as necessidades do povo: Desse mesmo POVO QUE FAZ E DESFAZ GOVERNOS, que clama,

Na mesma edição e página, o jornal destaca uma matéria em honra à visita do deputado federal Jorge Lacerda, do Partido de Representação Popular. Logo abaixo, um artigo de Roberto Machado critica a elite pessedista associada ao poder coronelista na região. Isso evidencia que, embora o jornal se declare aberto a todos os públicos partidários, fica implícito que seu público-alvo é a oposição ao pessedismo, pois não se encontra, em nenhuma edição, artigos de pessedistas ou elogios ao PSD local.

Em 1959, o jornal não se afastou completamente de seu público. Continuou a publicar artigos de udenistas e outros conteúdos que refletiam as tendências emergentes na indústria cultural da época. Isso incluía temas como cultura brasileira, folclore nacional, literatura, crônicas, ensinamentos católicos, sinopses de filmes em cartaz nos cinemas da cidade, e outras matérias similares.

No primeiro capítulo desta dissertação, Azevedo (2009, p. 94) e Denis (2000, p. 162) são referenciados em relação à padronização das tabelas de preços em centímetros de coluna, destinada a atender à crescente atividade publicitária na década de 1950. Essa medida impulsionou a demanda por fotografias nos jornais e contribuiu para o aumento da receita desses veículos de comunicação. Como ilustrado na Figura 19, em 1958 o jornal *O Imparcial* adotava uma dessas tabelas de preços em seu expediente.

Além disso, é interessante observar que o jornal raramente incluía imagens e fotografias em suas edições. No entanto, após o anúncio descrito na Figura 19 – que tratava da oferta de publicidade política no jornal – notou-se um aumento significativo no número de fotografias junto aos anúncios eleitorais em edições subsequentes, chegando a três a cinco fotografias por edição.

Embora todas essas mudanças tenham sido observadas, é importante ressaltar que o jornal *O Imparcial* não rompeu seus laços com os partidos que antes colaboravam com sua redação. Apesar de seguir na direção do jornalismo capitalista dos anos 1950, o jornal ainda refletia as inclinações de crítica ao PSD local em suas reportagens e editoriais.

enfim por melhores dias e por melhores condições de vida./ O nosso título, embora, monótono, significativo: “O IMPARCIAL”/ Saberemos cooperar com o governo que se implantou em 31 de janeiro, sem ou- isso signifique adesismo: Apresentaremos sugestões e também críticas. Nossa crítica, porém, será construtiva, sem despeitos e sem espírito de desabafo. Pessoas não nos interessarão, pertençam a que partidos pertencerem, sejam pobres ou ricos, brancos ou pretos. A solução de problemas, sejam administrativos, econômicos ou sociais – é o nosso escopo./ Dificuldades inúmeras, sabemos nós, teremos que enfrentar, porém o nosso espírito de luta e de independência, ás vencerão. AINDA VALE A PENA LUTAR POR UM IDEAL./ Com DEUS, vamos para a luta – seja qual fôr; - com o ânimo resoluto, sempre certos de que honraremos o nosso título: ‘O IMPARCIAL’.”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, ao focar nos anos 1950 e incluindo períodos adjacentes para análises comparativas dos periódicos *Jornal d'Oeste* (1948-1949), *O Imparcial* (1951-1959) e *A Voz de Chapecó* (1939-1953), permitiu comparar práticas de imprensa de diferentes paradigmas culturais. Seguindo o proposto no projeto de pesquisa, os jornais não foram abordados de maneira isolada ou como meros reflexos da realidade. A escolha do recorte temporal foi bem-sucedida, uma vez que as tensões políticas, econômicas e culturais da época, fundamentadas na literatura levantada, transformaram o cerne da questão jornalística e das novas práticas de imprensa na região de Chapecó.

O período delimitado, justificado pelo diálogo com a história e as teorias do jornalismo brasileiro, destacou as mudanças estéticas nos anos 1950, conforme analisado por diversos autores até aqui. Todavia, as diferentes compreensões da imprensa no período levantaram questionamentos sobre tendências e influências, com interpretações regionais conflitantes em relação ao cenário nacional.

Conforme revisado na literatura consolidada, afirmava-se que a expansão dos meios de comunicação em Santa Catarina ganhou força apenas nos anos 1960. Entretanto, com base nas considerações e hipóteses levantadas no último capítulo, é possível afirmar que as transformações da imprensa em Chapecó começaram já nos meados dos anos 1950.

Sendo assim, a análise dos periódicos selecionados revela a complexidade das práticas jornalísticas na Fronteira Sul durante os anos 1950, oferecendo uma reflexão e problematização mais focada e comparativa das transformações da época. Ao analisar os periódicos de períodos anteriores à década selecionada, nota-se uma maior intensidade do paradigma político-partidário no âmago do jornal, o que veio a mudar gradualmente ao longo da década de 1950.

Grande parte dessas mudanças foi influenciada pela ascensão de uma economia globalizada, marcada pelo surgimento das grandes empresas multinacionais e seus desdobramentos na chamada indústria cultural ou sociedade de consumo. Nos anos 1950, com a consolidação da atividade econômica jornalística, os elementos publicitários e de consumo passaram a chamar mais a atenção dos leitores e ganharam mais espaço nas páginas. Esse período também viu a padronização das tabelas de preços em centímetros de coluna devido ao crescimento da atividade publicitária. A combinação desses fatores resultou em uma demanda crescente pela introdução de cores nos jornais da década seguinte.

Acerca da questão político-partidária levantada por esta pesquisa, foi revisado que, com a redemocratização de 1945, ocorreram coligações incomuns entre PTB e UDN em Chapecó nos primeiros processos eleitorais. Em 1947, essas coligações lançaram um candidato à prefeitura sem sucesso, mas obtiveram mais votos em 1950 em aliança com PRP e PSP, derrotando o PSD tanto no executivo municipal quanto estadual. O PSD era predominante, enquanto o PTB ganhava votos da classe trabalhadora nacionalmente, enfrentando pressões das elites regionais por meio das práticas de voto controlado, refletindo a estrutura coronelista ainda presente nesses espaços.

Também com essa nova configuração política em Santa Catarina, a imprensa recuperou sua liberdade política. Os principais jornais catarinenses – *O Estado*, *A Gazeta* e o *Diário da Tarde* – retomaram sua atividade partidária no período. No início da década de 1950, esses jornais se envolveram em uma intensa disputa política. Assim como em Chapecó, Florianópolis também viu um aumento no número de jornais que passaram a focar mais em questões regionais. Além disso, os jornais do Sul do Brasil se destacaram como arenas políticas, refletindo tanto o conteúdo quanto a forma da política partidária.

Embora não tenha sido constatada uma grande transformação como nos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, essas realidades interioranas foram parcialmente influenciadas por essas mudanças no final dos anos 1950. Apesar de ainda refletirem as relações político-partidárias locais, esses jornais começaram a testemunhar o surgimento de uma cultura de publicidade consumista, um elemento crucial da nova imprensa que se destacaria na década seguinte.

No que diz respeito a Chapecó, os meios de comunicação impressa dos anos 1950 uniam diferentes poemas, autores e estratos sociais. A prática poética regional estava profundamente entrelaçada à prática intelectual, transcendendo camadas sociais distintas, das elites aos socialmente subalternos. Esse elemento evidencia a influência da intensificação dos suplementos literários nos jornais da década de 1950.

Em relação à economia dos jornais chapecoenses, embora edições do *A Voz de Chapecó* e do *Jornal do Povo* da segunda metade dos anos 1950 sejam escassas, *O Imparcial* demonstrou alguns elementos da diversificação comercial promovida pelos jornais dos grandes centros. Esse jornal evidenciou sua empresarização com a inclusão de novos gerentes em 1958, distanciando-se de sua origem como representante partidário da oposição ao PSD chapecoense.

Como visto anteriormente na parte final do último capítulo, a padronização das tabelas de preços em centímetros de coluna impulsionou a atividade publicitária nos jornais, aumentando a demanda por fotografias e contribuindo para o crescimento da receita desses veículos. Essa prática foi adotada pelo jornal *O Imparcial* em 1958. Inicialmente com poucas imagens, o jornal passou a incluir fotografias junto aos anúncios eleitorais em edições subsequentes, refletindo sua tendência ao fotojornalismo dos grandes veículos midiáticos da época, mantendo seus laços partidários locais.

Em suma, o trabalho concentrou-se nos anos 1950 e períodos adjacentes para uma análise comparativa dos jornais selecionados no projeto de pesquisa, explorando práticas de imprensa e mudanças culturais. Os jornais foram estudados não apenas isoladamente, mas como reflexos da política, economia e cultura da época, evidenciando uma transição para o jornalismo capitalista. A padronização das tabelas de preços impulsionou a publicidade e o uso de fotografias nos jornais, antecipando tendências futuras na mídia. A redemocratização de 1945 em Chapecó testemunhou coligações políticas incomuns e a ascensão de um jornalismo mais empresarial, refletindo mudanças socioeconômicas e políticas na região da Fronteira Sul.

Ademais, é importante destacar que, apesar do foco deste estudo sobre a História da Imprensa Brasileira e da Fronteira Sul, esta proposta representa apenas um dos muitos novos questionamentos que podem ser explorados no campo do jornalismo e sua história.

6. REFERÊNCIAS

6.1. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. *et al.* **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. 200 p.

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ALMEIDA, C. A. Em plena guerra: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX. **Revista de História**, [S. l.], n. 174, p. 327-359, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2016.115719. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/115719>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Trad. Joaquim José de M. Ramos. Portugal: Ed. Presença; Brasil: Ed. Martins Fontes, 1974.

AMARAL, Wendell de Freitas. **Implicações do olhar moderno na obra de Marcelo Gama**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010

ASSIS, Francisco de. (Org) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**, v. 10, n. 09, 2009. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/296>. Acesso em: 2 de ago. 2023.

ARAUJO, Camilo Buss. **Marmiteiros, agitadores e subversivos: política e participação popular em Florianópolis, 1945-1964**. Campinas, 2013. 492 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Campinas.

_____. Nem tão “cristianizado” assim: apontamentos sobre as eleições de 1950 em Santa Catarina e a vitória de Getúlio Vargas. **Revista Tempo e Argumento**, [S.L.], v. 12, n. 29, p. 1-36, 22 abr. 2020. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0207>.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro**. Bauru: Edusc, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, dez. 2006. Semestral. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47471>. Acesso em: 02 abr. 2022.

_____. Reflexões sobre a imprensa no Brasil de 1808. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 91-109, 17 nov. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n2p91>.

BARROS, José D'assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 203-222, 18 dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/hr.v17i1.21693>. Acesso em: 16 abr. 2022.

CABRITA, Mariana Lívio Cavalcante. A imprensa no Brasil e a visão de Nelson Werneck Sodré. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/8485>.

CAMARGO, Sílvio. Os primeiros anos da "Escola de Frankfurt" no Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, [S.L.], n. 91, p. 105-133, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64452014000100005>.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. São paulo: Ed. Abril, 1972. 156 p.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1989.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 258 p.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. Papel da Província no Simbolismo Brasileiro. **Letras**, São Paulo, v.19, p.75-82, 1971

CARREIRÃO, Yan de Souza. **ELEIÇÕES E SISTEMA PARTIDÁRIO EM SANTA CATARINA (1945-79)**. 1988. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111881>. Acesso em: 03 maio 2023.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Dados** [online]. 1997, v. 40, n. 2 [Acessado 3 novembro 2022], pp. 229-250. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>.

CATENACCI, Vivian. CULTURA POPULAR: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 28-35, abr. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392001000200005>.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351p.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Editora Blucher, 2000. 276p.

FARIAS, Priscila Lena. **Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas**. 2016. Tese (Livre Docência em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. [doi:10.11606/T.16.2017.tde-10032017-161946](https://doi.org/10.11606/T.16.2017.tde-10032017-161946). Acesso em: 2023-07-24.

FREITAS, Affonso A. **A Imprensa Periodica de São Paulo desde os seus primórdios de 1823 até 1914**. São Paulo: Diário Oficial, 1915.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. EDUSP. São Paulo: 1985.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó, 1950-1956. 3 ed. Chapecó: Argos, 2013.

_____. **Os partidos políticos e a elite chapecoense**: um estudo de poder local. Chapecó: Argos, 2000.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana florianópolis, 1950 a 1970. 2002. 442 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ppgh/Ufgrs, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/28977>. Acesso em: 03 abr. 2022.

MARQUETTI, Délcio. **Bandidos, Forasteiros e Intrusos**: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX. Chapecó: Argos, 2008.

MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O Estado**: uma historia em construção (1915-1931). 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112208>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MESQUITA, Claudia. A cidade em pauta: imprensa e modernidade carioca nos anos de 1950. **Intellèctus**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 334-346, 10 dez. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/intellectus.2020.56115>.

MONTEIRO, Charles. Imagens da cidade de porto alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da Revista do Globo. In: MONTEIRO, Charles. **Fotografia, História e Cultura Visual: pesquisas recentes**, Porto Alegre: EdPUCRS, 2012.

OLIVEIRA, Flávia Silvestre; CARVALHO, Maria da Conceição. Práticas leitoras em Minas Gerais, século XIX: bibliotecas públicas e a leitura de jornais. **Informação & Informação**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 426, 24 jun. 2016. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n1p426>.

ORLANDI, Eni Pucinnelli. Discurso e Argumentação: um Observatório do Político. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, n. 1 (73-81), jul.-dez. 1998.

PEDRO, Joana Maria. **Nas Tramas entre o Público e o Privado: a Imprensa de Desterro no Século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. 106p.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1992.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91794>. Acesso em: 23 fev. 2022.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1969.

RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 23, n. 19, p. 37-71, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **IMPRESA E HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 50**. 2000. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Ufrj, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 31, ago. 2003, p. 147-160. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186>>.

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. **OS DONOS DO “CELEIRO DO PROGRESSO”**: redes sociais e política (chapecó, 1956-1977). 2016. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_gustavo_siqueira_completa.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

_____. A pequena imprensa na regência e no império. **Revista do Arquivo Municipal** – jul. / ago. / 1950 (p. 47 a 54) MS 550 n.3.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 15-26, 22 dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/171>. Acesso em: 09 mar. 2023.

VICENZI, Renilda. Colonizadora Bertaso e a (des) ocupação no Oeste Catarinense. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 25, p. 301-318, jul. 2016. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2061>. Acesso em: 09 fev. 2022.

VOJNIAK, Fernando. “**ILUMINAR A INTELIGÊNCIA E EDUCAR A AFETIVIDADE**”: uma história do gênero masculino no oeste catarinense (1950 -1970). 2004. 177 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88173/209404.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354p.

6.2. FONTES

A VOZ DE CHAPECÓ. Chapecó, 1939-1953.

CEOM (comp.). **Autos de revogação de procuração - 1433**. Chapecó: Ceom, 1952. 211 c. (CCOC6816pc). CCOC - Comarca de Chapecó. Disponível em: https://pegasus.unochapeco.edu.br/ceom/ceom/index/index.php?codseq_imagem=12107&ficha=506. Acesso em: 02 abr. 2024.

JORNAL D'OESTE. Chapecó, 1948-1949.

JORNAL DO POVO. Chapecó, 1951.

O ESTADO. Florianópolis, 1930-1959.

O IMPARCIAL. Chapecó, 1951-1959.

BRASIL. **Recenseamento do Brazil em 1872**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 05 mai. 2023.